



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

CHIRLENE SANTOS DA CUNHA MOURA

**A ENTOAÇÃO NO PROCESSO DE (RE)ORGANIZAÇÃO DA LINGUAGEM: UM
ESTUDO DE CASO EM AFASIA**

Recife

2012

CHIRLENE SANTOS DA CUNHA MOURA

**A ENTOAÇÃO NO PROCESSO DE (RE)ORGANIZAÇÃO DA LINGUAGEM: UM
ESTUDO DE CASO EM AFASIA**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Madeiro Bernardino Junior e da Prof^a. Dr^a. Marígia Ana de Moura Aguiar, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Recife

2012

M929e

Moura, Chirlene Santos da Cunha

A entoação no processo de (re)organização da
linguagem : um estudo de caso em afasia / Chirlene
Santos da Cunha Moura ; orientador Francisco Madeiro
Bernardino Júnior, Marígia Ana de Moura Aguiar, 2012.
106, [4] f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado
em, Ciências da Linguagem, 2012.
2012.

1. Afásicos - Estudo de casos. 2. Oralidade - Estudo de
casos. 3. Distúrbios da linguagem. 4. Entonação (Fonética).
5. Linguística. 6. Fonoaudiologia. 7. Interação social. I. Título.

CDU 801

CHIRLENE SANTOS DA CUNHA MOURA

**A ENTOAÇÃO NO PROCESSO DE (RE)ORGANIZAÇÃO DA LINGUAGEM: UM
ESTUDO DE CASO EM AFASIA**

Defesa pública em:

Recife, 10 de fevereiro de 2012.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francisco Madeiro Bernardino Junior (orientador)

Prof^a. Dr^a. Marígia Ana de Moura Aguiar (co-orientadora)

Prof^a. Dr^a. Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo (avaliadora interna)

Prof^a. Dr^a. Dilma Tavares Luciano (avaliadora externa)

Recife

2012

“Como agradecer a Jesus o que fez por mim?
Sem eu merecer vem provar o seu amor sem fim.
As vozes de um milhão de anjos não poderiam expressar
A gratidão que vibra em meu ser, pois tudo devo a ti.

A Deus seja a glória, a Deus seja a glória,
A Deus seja a glória, pelo que fez por mim!...”

**Trecho da canção nº 249
do Hinário Adventista, Como Agradecer.**

AGRADECIMENTOS

- Aos professores que contribuíram para minha formação profissional fornecendo subsídios para o aprendizado em mais essa etapa de minha vida acadêmica. Em especial, Nadia que deu suas muitas contribuições e dicas para meu crescimento, e Dilma, que contribuiu para o resultado final de minha dissertação.
- Às minhas amigas e companheiras do Grupo de Afasia que aceitaram minha presença e me ajudaram nas atividades.
- Ao meu querido amigo, paciente e sujeito deste estudo que me ensinou muito, contribuiu muito e mostrou que não há prognóstico ruim quando se tem fé de que é possível mover montanhas.
- Ao Professor Madeiro, meu orientador da dissertação, que, incansavelmente acrescentou e removeu vírgulas para tornar mais compreensível meu português e me fez refletir profundamente a cada uma de suas muitas indagações.
- À Marília Aguiar, co-orientadora da dissertação e orientadora da minha vida, que tem me ajudado na empreitada de realizar sonhos pessoais. Cativou-me aos estudos da prosódia. Obrigada por me ensinar o caminho!
- Aos meus queridos familiares que, de um modo todo especial, são a razão para minha motivação. Sempre admirando, torcendo e incentivando. Obrigada por acreditar em mim!
- Às minhas irmãs e cunhados, que a cada almoço de sábado aguentaram meu stress. Obrigada por me amar!
- Ao meu pai e minha avó Quitéria, que sempre estão torcendo por mim.
- A Alex, meu esposo, pelo amor, pelos ensinamentos, pelo cuidado, pela compreensão. Sem tudo isso não conseguiria chegar até onde cheguei.

- Por fim, e principalmente, ao único que é digno de receber a honra e a glória. Àquele que pela virtude que opera em nós, pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou entendemos. A meu Deus, razão de tudo que tenho e sou. Obrigada Pai!

Ninguém fala só para exercitar as próprias cordas vocais ou os tímpanos alheios. Na realidade, o meio em que o ser humano vive e no qual se acha imerso é muito maior que seu ambiente físico e contorno imediato, já que está envolto também por sua história e pela sociedade que (o) criou e pelos seus discursos.

Luiz Antonio Marcuschi

RESUMO

O tema para pesquisa volta-se para a entoação observada na organização do discurso do portador de afasia, entendida como uma alteração no sistema linguístico proveniente de lesão cerebral que, dentre outros comprometimentos, faz com que o afásico sinta bastante dificuldade em transmitir emoção e significado pela fala, causando afastamento social. Com o objetivo de identificar recursos prosódicos no processo de (re)organização da linguagem por meio da identificação de pistas entoacionais na produção oral do sujeito afásico e de estratégias de organização entoacional através de pistas presentes na escrita deste sujeito a partir da Teoria Interacional da Entoação, de Brazil (1985), o estudo tem como foco favorecer a oralidade do sujeito afásico pela exploração de pistas entoacionais através do uso de diferentes gêneros textuais relacionados à prática diária do afásico. Para isso, foi realizado um estudo com um sujeito afásico, do sexo masculino, com dificuldades expressivas na escrita e na oralidade. Foram selecionados dez gêneros com características predominantes da oralidade e dez com características predominantes da escrita. Todas as atividades propostas com os gêneros da modalidade oral foram realizadas pelo sujeito, enquanto apenas sete atividades da modalidade escrita foram aceitas e executadas satisfatoriamente. Os resultados apontaram a necessidade de trabalho conjunto entre aspectos verbais, não verbais e multimodais na construção discursiva. As pistas entoacionais, tanto na oralidade quanto na escrita, serviram como facilitadoras do processo de organização da linguagem do sujeito afásico. A ênfase dada pela proeminência, sobretudo, pelo destaque à sílaba pré-tonica desempenhou forte componente constitutivo de sentido para a interação. Mesmo a hesitação, comum ao discurso do afásico, considerada uma estratégia para organização do pensamento, é marcada por pista entoacional relacionada à organização sintática. Logo, conclui-se que no processo de (re)organização da linguagem, a entoação desempenha um papel muito importante na construção de sentido na interação e facilita a compreensão do enunciado.

Palavras-chave: Afasia. Entoação. Interação.

ABSTRACT

The theme for research has been observed for the intonation in the organization of the speech in patients with aphasia, understood as a change in the linguistic system from brain damage, among other commitments, which makes the aphasic feel it very difficult to convey emotion and meaning by speech, causing social withdrawal. In order to identify prosodic features in the process of (re)organization of language by identifying intonation clues of speech in the oral production by the aphasic subject and the organization of intonation strategies through clues presented in the writing of that subject from the Interactional Theory of Intonation of Brazil (1985), the study focuses on promoting the speech of the aphasic subject by exploring intonation clues through the use of different text genres related to the daily practice of aphasic. For this reason, a study was conducted with an aphasic subject, male, with significant difficulties in writing and speaking skills. We selected ten species with predominant features of speech and ten with predominant features of writing. All the proposed activities on the mode of oral genres were performed by the subject, while only seven activities of the written form were accepted and performed satisfactorily. The results indicated the need of working together both the aspects of verbal and nonverbal multimodal and discursive construction. The intonation clues, both in the oral and in the writing, served as facilitators of the process of organizing language by the aphasic subject. The emphasis of the prominence, especially the emphasis on pre-tonic syllable, played strong constitutive meaning in interaction. Even the hesitation, which is common in the speech of the aphasic, is considered a strategy for organization of thought, and it is marked by intonation clue related to syntactic organization. Thus, we conclude that in the process of (re)organization of language, intonation plays an important role in the construction of meaning in the interaction and facilitates understanding the statement.

Keywords: Aphasia. Intonation. Interaction.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Classificação das afasias com seus respectivos sintomas.....	23
Quadro 02 - Notação para transcrição impressionística, baseada na Teoria de Brazil (1985).....	45
Quadro 03 - Esquema das estratégias entoacionais analisadas na oralidade.....	86
Quadro 04 - Sistematização das estratégias entoacionais do sujeito apresentadas na discussão.	87
Quadro 05 - Sistematização das estratégias entoacionais da terapeuta para reorganização da linguagem do afásico apresentadas na discussão.....	90
Quadro 06 - Esquema das estratégias entoacionais analisadas na escrita.....	93

LISTA DE RECORTES

Recorte 01 – Transcrição de atividade com gênero textual provérbios populares...	49
Recorte 02 – Transcrição de conversa espontânea (parte 1).....	51
Recorte 03 – Transcrição de fala de Conversa espontânea (parte 2).....	53
Recorte 04 – Transcrição de propaganda/ venda (parte 1).....	55
Recorte 05 – Transcrição de propaganda/ venda (parte 2).....	57
Recorte 06 – Transcrição de atividade envolvendo gênero textual Jogo (palavra carregada de lembranças).....	60
Recorte 07 – Transcrição de telefonema.....	62
Recorte 08 – Transcrição de entrevista (parte 1).....	65
Recorte 09 – Transcrição de entrevista (parte 2).....	67
Recorte 10 – Transcrição de chamamento (ordem).....	68
Recorte 11 – Transcrição de aconselhamento.....	69
Recorte 12 – Transcrição de adivinhações.....	71
Recorte 13 – Transcrição de gênero textual notícias.....	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – História em quadrinhos.....	75
Figura 02 – Diário pessoal.....	77
Figura 03 – Palavras cruzadas.....	79
Figura 04 – Anúncio em revista ou jornal.....	81
Figura 05 – Recado/bilhete.....	83
Figura 06 – Convite.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1 A afasia	18
1.1.1 Conceituação.....	18
1.1.2 Histórico.....	19
1.1.3 Classificação.....	20
1.1.4 Sintomatologia.....	24
1.1.5 Diagnóstico.....	24
1.1.6 Tratamento.....	26
1.2 Linguagem	28
1.3 Intencionalidade e prosódia	33
1.4 Teoria Interacional da Entoação (TIE)	35
1.4.1 Padrões entoacionais.....	36
1.4.2 Proeminência.....	37
1.4.3 Base e terminação.....	38
1.4.4 Tom.....	39
1.4.5 Unidades tonais.....	40
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	41
2.1 Área de estudo	41
2.2 População do estudo e critérios de inclusão	41
2.3 Caracterização do sujeito	41
2.4 Tipo de estudo	43
2.5 Período de referência	43
2.6 Método de coleta dos dados	43
2.7 Método de análise	44

2.8 Considerações éticas.....	46
2.9 Riscos e benefícios.....	46
CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	47
3.1 Descrição e análise dos resultados.....	48
3.1.1 Descrição dos procedimentos que geraram os dados orais, dos quais resultou a análise prosódica.....	48
3.1.2 Descrição e análise dos dados da escrita.....	73
3.2 Sistematização das estratégias entoacionais em categorias na (re)organização da linguagem do afásico.....	86
CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O ser humano, dotado de inteligência racional, desenvolve uma habilidade comunicativa, recurso socialmente explorado com mediação de estratégias que visem a facilitar a compreensão do interlocutor. Correções, esclarecimentos, marcadores discursivos, são recursos utilizados tanto na fala quanto na escrita. Há, ainda, outros recursos que servem para auxiliar no desempenho da oralidade e da escrita, como gestos, expressões faciais, movimentos corporais, imagens associadas ao texto, pontuações etc. Esses recursos são estratégias de organização entoacional marcadas pela prosódia.

Entoação é a variação do tom da voz falada, a qual é resultado da escolha entoacional do falante e está carregada de significado comunicativo. Os falantes de uma língua fazem determinadas escolhas entoacionais, em certos contextos comunicativos, que estão relacionadas a um conjunto de significantes que geram o significado (BRAZIL, 1985). Para Scarpa (1991), a entoação é um efeito acústico composto por vários parâmetros prosódicos, como altura, intensidade, duração e pausa.

A entoação, que, na oralidade, serve para fornecer indicações da intenção do falante, na escrita é marcada por pistas assinaladas pela força ilocucionária. O uso de iluminuras, ornamentos, adornos, ilustrações de cores variadas associadas a textos manuscritos servia para dar mais peso à representação escrita (Olson, 1997).

Um dos primeiros teóricos a estudar o papel da entoação na construção do sentido do discurso foi David Brazil. Luciano (2000), ao tratar deste teórico em seus estudos, comenta que Brazil (1985) atenta para a entoação como uma das estratégias usadas pelo falante e direcionadas ao ouvinte, a fim de que este último capte o significado que seu interlocutor pretende comunicar através do enunciado.

Para Brazil (1985), o falante usa a entoação almejando transmitir a mensagem com ênfase ao que quer destacar; o ouvinte, por sua vez, capta as pistas entoacionais como recurso facilitador de sua compreensão no contexto interativo. Com a consciência de que a Teoria Interacional da Entoação de Brazil (1985) foi concebida na perspectiva de análise do enunciado oral, este estudo que, também

aborda questões da escrita, se apropriará desta mesma Teoria com o intuito de esclarecer aspectos prosódicos da escrita, que possam estar associados à oralidade, principalmente, quando considerado o contínuo entre fala e escrita.

Um comprometimento de linguagem gerador de uma incapacidade comunicativa oral e/ou escrita com déficit no uso de recursos prosódicos e paralinguísticos pode ocorrer por várias razões, como, por exemplo, a que constitui uma afecção de ordem neurológica, denominada afasia.

O tema para esta pesquisa volta-se para a organização do discurso do portador de afasia, entendida como uma alteração no sistema linguístico proveniente de lesão cerebral, que pode ser causada por acidente vascular cerebral, traumatismo crânio-encefálico ou mesmo tumor (MORATO, 2002). Segundo Coudry (1988), a afasia é uma alteração de linguagem, na qual os mecanismos linguísticos são alterados em todos os níveis, tanto em relação à produção de fala quanto aos seus aspectos interpretativos e caracterizada por distúrbio de expressão e recepção do código simbólico da linguagem oral e/ou escrita.

O afásico sente bastante dificuldade em transmitir emoção e significado pela fala, em ser compreendido, em comunicar o conteúdo pretendido porque o componente prosódico pode não estar sendo adequadamente utilizado como recurso facilitador no processo de (re)organização da linguagem. Essa comunicação deficitária do afásico traz como consequência seu afastamento social.

Brito *et al* (2007) apontam o trabalho com prosódia, mais precisamente com entoação, como um recurso a ser utilizado na (re)organização de linguagem, respaldando-se no fato de que, no processo de aquisição da linguagem, verifica-se o surgimento da entoação antes do surgimento do léxico e da gramática.

Este trabalho tem como objetivo geral identificar recursos prosódicos no processo de (re)organização da linguagem oral e escrita do sujeito afásico, em momentos de interação em atividade com diferentes gêneros textuais relacionados à sua prática diária.

Os objetivos específicos são identificar, na produção oral do sujeito afásico com os seus interlocutores, pistas entoacionais e, a partir do diálogo com a Teoria Interacional da Entoação, de Brazil (1985), identificar as estratégias de organização

entoacional através de pistas presentes na escrita do afásico. Partindo de uma visão discursiva, busca-se favorecer a oralidade do sujeito afásico pela exploração de pistas entoacionais através do uso de diferentes gêneros textuais descritos por Marcuschi (2008).

Contempla-se, então, a possibilidade de uma observação da utilização de recursos prosódicos pelo sujeito da pesquisa, buscando identificar como se dá o processo de organização de suas produções linguísticas pela entoação, adotando-se a perspectiva interativa sobre o discurso apresentada por David Brazil (1985), em que tanto o emissor quanto o receptor participam ativamente na construção de sentido do discurso.

Os capítulos estão dispostos de modo a propiciar ao leitor uma leitura que lhe permita acompanhar, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos, o desenvolvimento da pesquisa. Assim, o capítulo I, fundamentação teórica, aborda questões sobre a afasia, a linguagem e especificidades das modalidades oral e escrita, os gêneros textuais, a intencionalidade relacionada à prosódia e a Teoria Interacional da Entoação. No capítulo II, metodologia, estão expostas informações concernentes ao sujeito da pesquisa, à área de estudo, e método de coleta e análise dos dados. No capítulo III, são apresentados e discutidos os resultados dos achados de pistas entoacionais nas produções orais e escritas do afásico. Na conclusão, os achados discutidos são sintetizados, e após reflexões, há uma indicação para possíveis trabalhos futuros com aprofundamento de questões relacionadas aos estudos no campo das afasias e da linguagem em geral.

CAPÍTULO I

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo aborda questões concernentes à afasia, com seus diferentes conceitos, histórico, classificações, sintomas relacionados, etiologia, diagnóstico e tratamentos. São abordadas questões referentes à linguagem com reflexões sobre a modalidade oral e a escrita, os gêneros textuais, em conformidade com o trabalho de Marcuschi (2008), e a Teoria Interacional da Entoação, de Brazil (1985), aspecto basilar dessa pesquisa, também são abordados no capítulo.

1.1 A afasia

1.1.1 Conceituação

Existem diferentes maneiras de contemplar a afasia. Em uma visão mais orgânica, a afasia é considerada uma desorganização da função cerebral que gera comprometimento de linguagem e comunicação, interferindo na percepção (CAMBIER, 1999). Neste mesmo espectro, Jakubovicz e Cupello (2005) definem as afasias como prejuízos que ocorrem no cérebro, levando a uma alteração da linguagem.

A área médica, predominantemente voltada para o funcionamento cerebral, desconsiderando os fatos linguísticos, define as afasias de acordo com a localização cerebral, estabelecendo, assim, uma relação de causalidade entre lesão e sintoma (FONSECA E VIEIRA, 2004). Com o avanço de estudos, a neuropsicologia do século XXI afastou-se da concepção de cérebro como um conjunto de partes divididas, como um quebra cabeça, com centros bem delimitados, com funções específicas, e passou a considerar o dinamismo, a plasticidade e a integratividade disseminadas pelos avanços biotecnológicos. Por essa razão, na atualidade não se pode afirmar que a linguagem esteja relacionada a uma região específica do córtex cerebral, mas que transita em um sistema cognitivo complexo (SANTANA, 2002).

Assim, a proposta de Vieira (2006) é descartar a relação entre lesão e sintoma, propondo que as afasias sejam vistas correlacionando sujeito-linguagem, dando ênfase aos efeitos subjetivos que as afasias trazem consigo, sendo impossível determinar que, se uma determinada região foi lesada, o sintoma “tal” virá como consequência, visto que cada sujeito é dotado de especificidades.

Em uma perspectiva neurolinguística, Morato (1999) define a afasia como uma questão de linguagem, um problema discursivo, não redutível aos níveis linguísticos. Para Morato (2010a), a linguagem não é apenas signo, sim atividade, por isso envolve a pragmática (contexto social e situacional), elementos não verbais (expressões corporais, gestuais, interacionais) e diferentes processos cognitivos (memória, atenção, percepção, praxia). A afasia, mais do que uma questão de língua, é uma questão de discurso, e como tudo que interessa ao discurso, deve

estar a um só tempo na língua e na sociedade. A afasia é, em última instância, uma questão social (MORATO, 1999).

No que se refere à linguística, Coudry (1988) define a afasia como uma alteração dos processos linguísticos, e Santana (2002) afirma que a afasia designa alteração de linguagem tanto oral quanto escrita, porque essas duas modalidades são processos linguísticos. Acioli (2006) apresenta a afasia como um elemento que necessita de um olhar interdisciplinar, considerando que esta tem seu quadro clínico tanto relacionado à neurologia quanto à linguística. Esse mesmo olhar interdisciplinar necessário à afasia na atualidade, teve fundamental importância na construção do percurso histórico.

1.1.2 Histórico

Os primeiros entendimentos acerca da afasia, conceitos, classificação, diagnóstico, foram resultado de estudos de médicos e anatomistas dos séculos XVIII e XIX. Os primeiros estudos clínicos das afasias foram feitos por Lordat, Freud e Jackson. Posteriormente, no século XX, Head, Monakov, Goldstein e Luria também contribuíram para os estudos das afasias, porém, somente em meados do século XX, com os estudos do linguista russo Jakobson, são realizadas as primeiras análises linguísticas das afasias (MORATO, 2010b).

No início do século XIX, o médico alemão Gall, considerado o primeiro neuroanatomista de sua época, afirmava que o cérebro, como um mosaico de órgãos justapostos, era dividido em regiões distintas com funções mentais específicas. O primeiro a contestar as idéias de Gall, com respeito à existência de áreas cerebrais específicas com funções determinadas, foi Flourens. É de então que surgem os debates, até hoje existentes, entre localizacionistas e antilocalizacionistas (JAKUBOVICZ E CUPELLO, 2005).

Dax, o pai da localização da área da fala no hemisfério cerebral esquerdo, associou a perda da fala à hemiplegia¹, resultante de uma lesão no hemisfério

¹Sequela neurológica que manifesta, dentre outros sintomas, a paralisia de um dos lados do corpo do indivíduo. É contralateral à lesão cerebral.

esquerdo do cérebro, assunto este descrito em um artigo escrito por Dax em 1836 e publicado somente em 1864. Em 1861, Broca, cirurgião anatomista, após realizar autópsias em dois de seus pacientes que antes da morte apresentavam problemas de fala e escrita, chegou a conclusões mais específicas de que o centro da fala estaria situado na parte posterior da terceira circunvolução frontal do cérebro (JAKUBOVICZ E CUPELLO, 2005).

Os achados de Broca, porém, são alvos de duras críticas. Alguns aspectos são considerados forçosos em sua análise. Freud, ao escrever sobre afasia, em 1891, expressa sua posição contrária aos achados de Broca, quando expõe que, “uma coisa é localizar no cérebro áreas que, prejudicadas, perturbariam a linguagem e demais processos cognitivos; outra coisa, bem diferente, é localizar de maneira precisa a linguagem no cérebro” (MORATO, 2001 p. 150).

Em 1874, o neurologista alemão Wernicke, também estudioso das afasias, afirmou que a parte anterior do cérebro dedicava-se aos movimentos e a parte posterior ao aspecto sensorial. Para Wernicke, a área auditiva da fala, responsável pela compreensão de linguagem, situa-se na primeira circunvolução temporal esquerda (JAKUBOVICZ E CUPELLO, 2005).

A afasiologia do século XIX, que se voltava para a correlação anatomoclínica, base do localizacionismo, atualmente perdeu sua força, graças ao conhecimento da dinâmica das redes neurais e da oportunidade de mensuração dessas redes neurais, tanto em termos clínicos como em termos de neuroimagem (MORATO, 2010a). Contudo, os achados de Wernicke e Broca, com perspectiva localizacionista, embora não sejam foco deste estudo, foram considerados aqui, não apenas por sua função e importância histórica, mas também, por serem a base para a classificação das afasias.

1.1.3 Classificação

Existem vários sistemas de classificação adotados por diferentes teóricos, diversidade esta que, segundo Murdoch (1997), ocorre porque os pesquisadores têm uma tendência de usar sua própria terminologia para classificar diferentes tipos de afasia. Para Novaes-Pinto e Santana (2009), não existe uma classificação

satisfatória das afasias. Neste estudo, a afasia será classificada segundo o modelo de Boston, descrito por Murdoch (1997).

Afasia de Broca – também denominada de afasia de expressão ou afasia motora. Envolve sintomas relacionados à expressão de linguagem. É caracterizada por uma produção de fala não fluente, vagarosa e que exige bastante esforço, muitas vezes acompanhada por apraxia² e/ou disartria³. A compreensão pode estar, em alguns casos, ligeiramente afetada, mas, de modo geral, está preservada. O vocabulário é restrito.

A produção escrita do afásico de Broca segue as mesmas condições da fala. Há múltiplas trocas e omissões de grafemas e dificuldade no ditado. Por apresentar uma hemiplegia à direita, tem dificuldade em escrever, mesmo porque é necessária uma adaptação ou o uso da mão esquerda para atividades de escrita.

Afasia de Wernicke – também conhecida como afasia receptiva ou afasia sensorial, é caracterizada pela manifestação de uma fala fluente em contrapartida a uma compreensão gravemente comprometida. Embora possa apresentar fala fluente, essa classe de afásicos não consegue comunicar o conteúdo pretendido porque não é capaz de monitorar a própria expressão verbal devido a sua dificuldade de compreensão e nas atividades de nomeação e repetição.

O afásico de Wernicke tem boa capacidade de leitura, mas não se pode dizer o mesmo quanto à capacidade de compreensão do texto lido. Tem dificuldade em entender o que lê e o que ouve, chegando a apresentar surdez verbal⁴ e/ou cegueira verbal⁵. Na linguagem escrita há alterações compatíveis com a linguagem oral,

² Também conhecida como dispraxia de fala. O termo é usado para designar uma alteração comunicativa, gerada pela dificuldade em posicionar e sequencializar os órgãos fonoarticulatórios para a produção dos sons da fala (GALLI, OLIVEIRA E DELIBERATO, 2009).

³ Distúrbio de fala causado por paralisia, fraqueza ou falta de coordenação dos músculos da fala. Esse distúrbio é resultante de alterações no controle muscular dos mecanismos envolvidos na produção da fala, oriundo de uma lesão do Sistema Nervoso Central ou Periférico (RIBEIRO E ORTIZ, 2009).

⁴ O termo surdez verbal designa uma dificuldade para entender a palavra falada.

⁵ Déficit na compreensão da palavra escrita.

lembrando a produção falada parafrásica⁶. Comumente, não há hemiplegia, fato este que permite que a escrita seja bem legível e que haja maior aceitação para atividades voltadas para esta modalidade de uso da língua.

Afasia de condução – a característica mais marcante deste tipo de afasia é uma deficiência na repetição, embora também exista uma dificuldade em nomear e uma discreta alteração articulatória. A fala e a escrita espontâneas se equivalem em termos de dificuldades, assim como a compreensão oral e escrita estão relativamente melhores do que a repetição. Omissões, inversões e substituições são comuns na linguagem escrita. A capacidade de leitura em voz alta está comprometida pela existência de parafrásias mas a compreensão da leitura é relativamente boa. Em termos musculares, o afásico de condução pode apresentar uma fraqueza muscular que pode atingir mais o braço que a perna do lado direito.

Afasia global – nesta, todas as funções de linguagem estão comprometidas, mesmo os componentes expressivos e receptivos da linguagem. A capacidade de compreensão, embora comprometida, apresenta-se melhor do que a produção oral. A maior parte da comunicação do afásico global dá-se por via não verbal através de gestos, expressão facial e corporal etc. Existem casos em que o afásico apresenta apenas uma fala estereotipada⁷.

Afasia transcortical – é caracterizada pela preservação da repetição associada a outras características. Divide-se em três tipos diferentes:

Motora – caracteriza-se por uma acentuada alteração na fala espontânea, enquanto há preservação da repetição.

Sensorial – a deficiência está na capacidade de compreensão em associação à preservação da repetição e fala fluente.

⁶ Termo pertinente ao campo da linguagem oral, utilizado para designar a parafrasia verbal (substituição de palavras) e parafrasia literal (substituição de parte da palavra).

⁷ Estereotipias são comportamentos que se referem a movimentos repetitivos do corpo ou de objetos (FONSECA, CAMPOS E ARRAS LOPEZ, 2007). Neste caso, refere-se a fala com expressões repetitivas.

Mista – síndrome rara, caracterizada por acentuada redução na fala espontânea e deficiência na compreensão de linguagem, mantendo, porém, a capacidade de repetição.

Afasia anômica – é o tipo de afasia em que o indivíduo tem dificuldade em encontrar as palavras para nomear. Este também é um sintoma muito comum a todos os tipos de afasia.

Os afásicos deste tipo apresentam poucas dificuldades expressivas ou receptivas. A linguagem espontânea é fluente, apresentando apenas, em alguns momentos, circunlóquios, por não encontrar a palavra almejada. Tem boa capacidade de repetição, e a compreensão escrita e auditiva é quase normal. O mesmo se dá com sua capacidade de leitura, enquanto a escrita é normal em uns casos e um pouco alterada em outros.

Para Leal e Martins (2005), a classificação das afasias pode estar relacionada aos sintomas conforme descrito no Quadro 01.

Quadro 01 – classificação das afasias com seus respectivos sintomas.

CLASSIFICAÇÃO DAS AFASIAS				
TIPO DE AFASIA	FLUÊNCIA	COMPREENSÃO	NOMEAÇÃO	REPETIÇÃO
Global	Não fluente	Perturbada	Perturbada	Perturbada
Broca	Não fluente	Normal	Perturbada	Perturbada
Transcortical mista	Não fluente	Perturbada	Perturbada	Normal
Transcortical motora	Não fluente	Normal	Perturbada	Normal
Wernicke	Fluente	Perturbada	Perturbada	Perturbada
Condução	Fluente	Normal	Perturbada	Perturbada
Transcortical sensorial	Fluente	Perturbada	Perturbada	Normal
Anômica	Fluente	Normal	Perturbada	Normal

Fonte: Leal e Martins (2005).

A classificação das afasias frequentemente está associada aos sintomas de alterações apresentados na linguagem e à localização da lesão cerebral. Este estudo considera os aspectos sintomáticos da afasia, sem, contudo, se ater ao aspecto localizacionista.

1.1.4 Sintomatologia

No que diz respeito aos sintomas das afasias, é preciso, antes de tudo, entender que as afasias são sintomas de uma lesão cerebral, estabelecida cronicamente na vida do indivíduo. Do ponto de vista da neurologia, o afásico é um sobrevivente que apresenta uma afasia (MORATO, 2010a).

A afasia é uma alteração de linguagem que compromete a expressão e recepção do código simbólico da linguagem oral e/ou escrita, que se manifesta, geralmente, em indivíduos adultos (COUDRY, 1988). Por afetar a linguagem oral e escrita, a afasia causa impactos na identidade, na afetividade e no papel social do sujeito, impactos estes que irão, em determinada proporção, afetar a qualidade de vida da pessoa acometida pela afasia (MORATO, 2010b). Assim, por influenciar na recuperação, na adaptação ou reinserção social do sujeito, a afasia deixa de ser puramente uma questão de saúde, uma questão linguística, uma questão cognitiva e, passa a ser, sobretudo, uma questão social.

A depender da extensão das lesões cerebrais, as alterações linguísticas podem ser acompanhadas por outras perturbações cognitivas, como apraxias (déficits de movimento), agnosias (déficits de reconhecimento) e/ou sinais neurológicos (paralisia de face e membros). Associado a isso, há, ainda, um conjunto de sintomas secundários, resultantes dos impactos psicossociais, como isolamento social, mudança de humor, desinteresse afetivo, depressão (MORATO, 2010a).

O sintoma, ou mais comumente, o conjunto de sintomas, apresentado pelo indivíduo, propiciam um diagnóstico que determina não somente a existência de afasia, mas também, o tipo específico de afasia apresentado.

1.1.5 Diagnóstico

Causada por uma desorganização abrupta da linguagem, resultante de lesões no Sistema Nervoso Central, decorrente de fatores exógenos, como traumatismos, por exemplo, e endógenos, como acidentes vasculares cerebrais, aneurismas e tumores cerebrais (JAKUBOVICZ E CUPELLO, 2005), a própria etiologia da afasia

permite ao médico diagnosticar a doença. Por ser uma doença do sistema nervoso, a afasia tem um procedimento diagnóstico voltado para o aspecto anátomo-fisiopatológico do cérebro (FONSECA, 2006). Estima-se que de 70% a 80% das afasias sejam resultado de acidentes vasculares cerebrais isquêmicos ou hemorrágicos (MORATO, 2002).

A hipertensão, o diabetes, o tabagismo e os problemas cardíacos, fatores responsáveis pelo alto índice no número de acidentes vasculares cerebrais (MORATO, 2010a), são antecedentes históricos fortemente considerados para o diagnóstico do paciente. De modo geral, as estruturas diagnósticas ainda estão muito vinculadas aos modelos biomédicos, com poucos procedimentos multidisciplinares (MORATO, 2010b).

O diagnóstico do tipo de afasia, realizado pelo médico, segundo Leal e Martins (2005) consiste, essencialmente, na aplicação de quatro provas: análise do discurso, nomeação de objetos por confrontação visual, repetição de palavras e compreensão de ordens simples. Segundo as autoras, a análise do discurso se caracteriza em avaliar a produção de fala espontânea. Para testar a capacidade de nomeação, a prova consiste em solicitar que o paciente diga os nomes de alguns objetos, de uso comum. A prova de repetição de palavras consiste em pedir que repita o que o avaliador está falando. Inicia-se por palavras pequenas e finda com a repetição de frases. Sobre o teste de compreensão, o método mais habitual consiste em dar ordens para que o sujeito execute.

Algumas considerações podem ser acrescentadas ao modelo médico de diagnóstico da afasia. Por exemplo, na análise do discurso, avaliar somente a produção espontânea talvez não seja suficiente. Para a avaliação fonoaudiológica com pessoas afásicas, consideram-se as conversações e interações, além de produções escritas e aspectos multimodais associados à fala. A entrevista com o próprio paciente e/ou com seus familiares também é um dos procedimentos usuais para o diagnóstico tanto no campo da medicina quanto no campo da fonoaudiologia, pois aponta a causa manifesta pelo sintoma.

A entrevista, procedimento bastante usado na clínica da linguagem, é, segundo Fonseca (2006), o procedimento inaugural que abrange o diagnóstico e o tratamento da afasia. Ao realizar a entrevista diretamente com o afásico, já há uma

intervenção que contribui para o tratamento, porque possibilita o deslocamento do indivíduo da posição de “paciente/passivo”, que não fala sua própria língua, para a posição de falante, que tem uma desordem de linguagem, mas que não desaprendeu a língua materna (FONSECA, 2006). Assim, depois de receber o diagnóstico com a especificidade do tipo de afasia determinado a partir dos sintomas, inicia-se o processo em que o indivíduo, desde a avaliação, já passa por uma fase de tratamento, a qual tem a intenção de, sobretudo, favorecer a reorganização da linguagem do afásico.

1.1.6 Tratamento

A afasia e os transtornos advindos da lesão cerebral melhoram, em maior ou menor grau, a depender da idade, das condições gerais de saúde do indivíduo, do local e da natureza da lesão, da diminuição da inflamação e do edema decorrente da lesão cerebral, da ação das células de defesa, da vascularização, do reordenamento dos neurônios sobreviventes e dos neurônios das áreas vizinhas não lesadas, da cooperação e reorganização neurofuncional do hemisfério contralateral (MORATO, 2002).

O tratamento da afasia requer uma atenção multiprofissional, visto que a comprometimento da linguagem, frequentemente vem seguido de alterações no comportamento, nas esferas intelectuais e emocionais, nas atitudes e na personalidade (MAC-KAY, ASSENCIO-FERREIRA E FERRI-FERREIRA, 2003). A afasia implica outras formas de relação entre sujeito e linguagem e, além de ser uma questão de ordem linguística, cognitiva, de saúde, é também, uma questão social (MORATO, 2002), o que reforça a importância do tratamento envolvendo médicos, fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, e, mesmo familiares, dentre outros.

A terapia fonoaudiológica voltada para a linguagem do afásico tem como objetivo o restabelecimento comunicativo visando reintegrá-lo socialmente. Para a terapêutica do afásico, o fonoaudiólogo precisa identificar a necessidade do tratamento, avaliar as sequelas linguísticas oriundas da lesão neurológica e intervir em sua recuperação, administrar as dificuldades que possam comprometer o

tratamento, aconselhar a família a como lidar com o afásico e avaliar constantemente os resultados alcançados e pesquisar os melhores meios de estimular (JAKUBOVICZ E CUPELLO, 2005).

As orientações dadas aos familiares, aos cuidadores ou àqueles que irão lidar diretamente com o afásico são de suma importância e apoio ao processo terapêutico. A conscientização dos familiares do afásico deve ter início desde o primeiro momento, ainda no hospital, pela equipe médica, quando se estabelece o diagnóstico do dano cerebral. Questões sobre o que seja a afasia, como será o tratamento e quanto tempo irá durar, se existe cura, qual ou quais os profissionais devem ser requisitados, dentre outras muitas dúvidas, podem ser supridas por uma equipe multiprofissional que tem a responsabilidade de prestar as orientações devidas aos familiares (JAKUBOVICZ E CUPELLO, 2005). Ao fonoaudiólogo compete, depois de iniciado o tratamento, dialogar com os familiares, a fim de trocar informações que possam favorecer o processo terapêutico e a atividade comunicativa do afásico no dia a dia.

Na terapêutica do afásico, o trabalho com fala e escrita considera o contínuo entre ambas, tomando como respaldo o fato de que afásicos, com dificuldades expressivas predominantes em uma modalidade ou outra, tomam como facilitador da comunicação a modalidade mais preservada (MOURA, 2010). Assim, tanto o trabalho com a escrita, com vistas a favorecer a produção oral, como com a fala, para favorecer a escrita, é positivo para o processo terapêutico fonoaudiológico do afásico, uma vez que tanto uma quanto a outra são modalidades discursivas relevantes (MARCUSCHI, 2008) e significativamente importantes para a (re) organização da linguagem.

Mais recentemente, o trabalho com gêneros textuais orais e/ou escritos na terapêutica do afásico tem sido não apenas objeto de estudo, mas, sobretudo, tem sido tomado como recurso interessante para o tratamento porque serve de facilitador do contexto comunicativo, norteia o assunto tratado e contribui para a superação de dificuldades expressivas (OLIVEIRA, 2008; GONÇALVES, 2008; MARINHO, 2008; MOURA, 2010).

Vale salientar que, quando se trata da linguagem, não é unicamente a classificação das afasias, nem os dados neurolinguísticos encontrados que irão

determinar a melhor conduta terapêutica. Questões socioculturais, afetivas e ideológicas também devem ser consideradas ao se pensar o tratamento (MORATO, 2010).

1.2 Linguagem

A linguagem é usada pelo ser humano como instrumento de comunicação que serve não apenas para a transmissão de informações, mas, sobretudo, como instrumento de interação social. Fundamental para mediar a criatividade humana em suas diversas áreas (BAKHTIN, 2003), a linguagem tem a função de intercâmbio social (COSTA E SILVEIRA, 2006). A capacidade do homem para se comunicar o faz distinto (MARCUSCHI E DIONÍSIO, 2005) e, pelo uso da língua como prática social, fruto de uma atividade conjunta, forma sua identidade.

A afasia, por causar comprometimento de linguagem que envolve elementos associados aos níveis linguísticos, a aspectos multimodais, paralinguísticos e/ou prosódicos de uso da língua, traz consigo prejuízos de grandes proporções da ordem do social por afetar a capacidade do sujeito de interagir efetivamente. Assim, a intenção ao tratar deste ponto não é responder a demandas atreladas às diferentes concepções de linguagem, mas, adotando-a como forma de interação, apresentar algumas particularidades ao descrever características peculiares à modalidade oral, à modalidade escrita e ao gênero textual como instrumento de comunicação, com vistas a auxiliar na compreensão do uso desses elementos na instância social.

Primeiramente, ao tratar da modalidade oral e da modalidade escrita, é preciso entender que não há uma “dicotomia entre dois pólos opostos” (MARCUSCHI 2005, p. 61). Fala e escrita não são absolutamente distintas, elas estabelecem relações complexas, associadas a diferenças situacionais, funcionais e processuais. A diferença entre fala e escrita está no âmbito da organização discursiva, a semelhança está no fato de ambas adotarem o mesmo sistema linguístico (MARCUSCHI E DIONÍSIO, 2005).

As semelhanças e diferenças entre fala e escrita nem sempre são fáceis de distinguir, pois ambas “são atividades discursivas complementares” (MARCUSCHI E

DIONÍSIO, 2005 p. 15), que desempenham diferentes papéis, cada qual com sua “arena preferencial” e com sua função social. Fala e escrita também se diferenciam quanto aos graus de formalidade, no entanto, não é correto afirmar que a escrita seja formal enquanto a fala, informal, ou vice-versa. Quanto à interpretação, tanto na modalidade escrita quanto na oral, é o leitor ou ouvinte quem interpreta o enunciado, que, em primeiro momento, é impreciso (MARCUSCHI E DIONÍSIO, 2005).

Do ponto de vista discursivo, a fala tem uma representação sonora de presença fugaz, enquanto a escrita tem representação gráfica, com presença duradoura. Por ser de presença fugaz, a fala não permite o armazenamento de conhecimento para posterior expressão dentro de uma formalidade, como o faz a escrita (MARCUSCHI e HOFFNAGEL, 2005).

Durante muito tempo prevaleceu a noção de que a escrita era a representação da fala, que, por sua vez, constituía a representação do pensamento. De acordo com essa concepção, a afasia seria a perda da memória ou resultado de problema fono-articulatório, uma vez que o termo linguagem era atribuído à fala (SANTANA, 2002). Hoje, os estudos de fala e escrita destacam diferenças e semelhanças entre as duas modalidades e apontam que, durante o processo de aquisição da escrita, a fala serve de mediadora. Marcuschi e Dionísio (2005) endossam que a relação estabelecida entre oralidade e escrita é bastante percebida quando do processo de alfabetização e, sobretudo, que a fala influencia a escrita.

A palavra falada tem sido usada para transmissão do conhecimento entre povos, de geração a geração, sendo a forma mais natural de comunicação entre os seres humanos (MADEIRO, LOPES E ALENCAR, 2006). Com a premissa de que cronologicamente a fala antecede a escrita em termos de uso, será apresentada, a seguir, uma breve descrição de características peculiares à linguagem oral. Antes, contudo, cabe salientar que os estudos relacionados à oralidade, no que tange ao discurso, ainda são novos. No Brasil, estudos formais sobre a língua falada só vieram a se desenvolver a partir da década de 1960, com o advento tecnológico que possibilitou registrar a fala e, a partir de então, investigar os dados da oralidade (CASTILHO, 2006).

Nos estudos sobre a fala, algumas características foram elencadas: aprendida naturalmente, é considerada veloz; a interação falada é maior e permite resposta

imediate do ouvinte (BIBER, 1988). A linguagem oral, portanto, ocorre em um contexto social, por meio de interação entre interlocutores, mediada pela fala (BAKHTIN, 1992).

Os estudos da fala foram sistematizados ao ponto de se estabelecer um conceito que define a língua falada como

toda produção lingüística sonora dialogada ou monologada em situação natural, realizada livremente e em tempo real, em contextos e situações comunicativas autênticos, formais ou informais em condições de proximidade física ou por meios eletrônicos tais como rádio, televisão, telefone e semelhantes (MARCUSCHI, 2005 p. 71)

A definição de fala reflete que, mesmo na conversação oral, face a face, sendo uma das maneiras mais espontâneas de interação, há regras empíricas, social e linguisticamente estabelecidas que maximizam o desempenho dos interactantes durante a atividade comunicativa. Da mesma forma, a escrita também apresenta elementos formais que viabilizam o melhor desempenho do escritor.

Dentre os elementos formais estudados na escrita estão os recursos prosódicos e paralingüísticos, também comuns ao enunciado oral. Marcação de grifo, negrito, itálico, uso de fontes diferentes e setas são exemplos de pistas prosódicas na escrita (BIBER, 1988). Marcuschi (2005) concorda que, no texto escrito, existem, ainda, elementos que equivalem aos elementos paralingüísticos (gestos, mímicas, movimentos corporais etc.) presentes na oralidade, e exemplifica com a publicidade, que agrega ao texto escrito imagens com a finalidade de chamar mais a atenção do leitor para a mensagem do que se usasse somente o conteúdo escrito.

O estudo da escrita com elementos equivalentes aos da fala, e não como representação de fala, surgiu após o questionamento de concepções históricas sobre fala e escrita. Desde a época de Aristóteles, a escrita vem sendo tomada como recurso gráfico destinado à transcrição de fala. “Nessa perspectiva, a escrita é uma tentativa de representar os padrões sonoros da fala” (OLSON, 1997, p.83). Platão lançava críticas à escrita, denominando-a desumana por tirar da mente humana seus pensamentos, por controlar e manipular, pois acreditava que a escrita era a representação da fala (MARCUSCHI E HOFFNAGEL, 2005). Toda essa

confusão foi causada pela ideia errada com relação à representação da escrita. A escrita não foi criada para representar a fala, mas para comunicar. “Os sistemas de escrita proporcionam os conceitos e as categorias para pensar a estrutura da língua falada, e não o contrário” (OLSON, 1997 p. 84).

Questões ligadas ao funcionamento de linguagem específico do afásico levaram Santana (2002) a concluir que o lobo occipital é importante para a realização da escrita por estar relacionado à percepção visual, mas salienta não existir uma área específica para a escrita e que, em todo o cérebro, está tanto a escrita quanto a fala. Graças às interconexões cerebrais múltiplas, investigadas em estudos precedentes, “a lesão em uma área delimitada do cérebro, da qual decorre uma alteração do comportamento, não significa que a área afetada seja o centro da função afetada” (SANTANA, 2002 p. 28). Lesões específicas em diferentes locais do córtex cerebral podem levar a alterações na linguagem oral ou na escrita.

Como é possível verificar, fala e escrita não podem se desvincular ao se pensar a linguagem do afásico, mesmo porque, na clínica da linguagem, na terapêutica com o afásico, frequentemente uma das modalidades é tomada como suporte para a recuperação da outra. O trabalho com fala e escrita ocorre em um contínuo de diferenças e semelhanças que, em algumas ocasiões, não é fácil detectar qualquer traço linguístico específico que delimite, por exemplo, até que ponto é fala e, até que ponto é escrita, embora isto não impeça de identificá-las (MARCUSCHI E DIONÍSIO, 2005). São os parâmetros situacionais e funcionais, associados a diferenças entre fala e escrita, que distinguem gêneros caracteristicamente falados de gêneros caracteristicamente escritos (BIBER, 1988).

Os gêneros textuais, para Bakhtin (2003), são formas de uso da língua que, em cada campo, tem seus tipos, até certo ponto, estáveis de enunciados orais e escritos, particulares a cada indivíduo. Definido como um instrumento de prática social que estabelece uma relação entre discurso e texto, o gênero está relacionado à prática comunicativa em um determinado contexto previamente estabelecido culturalmente. Cada gênero textual tem um campo de circulação, o que determina o seu propósito. Todos os gêneros têm uma forma e uma função, e sua determinação se dá pelos objetivos dos falantes/escreventes e a natureza do assunto tratado, ou seja, mais pela função do que pela forma (MARCUSCHI, 2008).

Não há como precisar um número exato de gêneros, graças à diversidade relativa à própria atividade humana, visto que, a cada campo dessa atividade, há uma heterogeneidade de gêneros que dificulta até a elaboração de um plano para seu estudo (BAKHTIN, 2003). Por serem sócio-históricos e variáveis, não há como classificá-los, mas também não há espaço para nomeações pessoais. Hoje é mais importante saber a constituição e circulação do gênero do que denominá-lo. Nomear cada gênero não é uma tarefa fácil, até porque, em alguns casos, um gênero penetra outro, gerando um novo. Um exemplo disto é uma revista cuja capa e páginas apresentam o conteúdo de um convite de casamento.

Mesmo diante da dificuldade de classificar os gêneros, é possível situá-los dentro da modalidade oral e escrita, graças às práticas sociais distintas desempenhadas nos diversos domínios discursivos, embora haja aqueles que, agrupados ao longo de um contínuo, estão numa linha intermediária entre uma modalidade e outra, não ficando muito claro a qual pertencem (MARCUSCHI, 2008). Uma maneira de identificar os gêneros textuais pode ser mediante a organização textual, mas, quando não é possível, passa-se a observar a função ou ainda podem ser feitas outras observações (MARCUSCHI e HOFFNAGEL, 2005).

O estudo dos gêneros textuais surgiu com Platão, na tradição poética, e Aristóteles, na tradição retórica. Hoje, o que se tem é uma visão atualizada do mesmo tema, não mais relacionada à literatura unicamente, mas, a outras áreas, principalmente, para fins de análise, como é o caso da linguística (MARCUSCHI, 2008). O campo fonoaudiológico, por exemplo, tem dedicado especial atenção ao estudo dos gêneros na atuação com sujeitos afásicos (OLIVEIRA, 2008; GONÇALVES, 2008; MOURA, 2010). No trabalho com gêneros orais e/ou escritos na terapêutica do afásico, observou-se que aspectos prosódicos e paralinguísticos foram recursos tomados pelos sujeitos como auxiliares ao seu discurso (MARINHO, 2008), uma vez que sentiam dificuldade na transmissão de emoção e significado pela fala e esses recursos têm forte componente de intencionalidade.

1.3 Intencionalidade e prosódia

Intencionalidade pode ser definida como a maneira que o emissor utiliza-se de recursos (coerência na construção textual, mecanismos de coesão, outros fatores de textualidade) para a construção de seu texto, com o propósito de levar o receptor a captar as pistas marcadas no texto e conduzi-lo a alcançar o sentido pretendido pelo emissor (KOCH e TRAVAGLIA, 1997). Em outros termos, a intencionalidade é um recurso que parte do emissor (produtor), direcionada ao receptor, e que tem a finalidade de produção de sentido, estando, é claro, associada a outros fatores geradores de sentido.

Na perspectiva de Koch e Travaglia (1997), a intencionalidade está relacionada à argumentatividade, sendo esta última manifestada no texto escrito por meio de marcas gramaticais que têm a função de indicar o sentido para o qual o texto aponta (KOCH, 2003a). A partir dessas marcas, o receptor, mediante a leitura, alcançará os sentidos possíveis no texto. Para Beaugrande e Dressler (1981, *apud* KOCH, 2003b p. 20), a intencionalidade

em sentido estrito e imediato, diz respeito ao propósito dos produtores de textos de fazer com que o conjunto de ocorrências verbais possa constituir um instrumento textual coesivo e coerente, capaz de realizar suas intenções, isto é, atingir uma meta especificada em um plano; em sentido amplo, abrange todas as maneiras como os sujeitos usam textos para perseguir e realizar seus objetivos.

Marcuschi (2009) coloca a intencionalidade dentro de um grupo por ele denominado de fatores de conexão de ações (pragmática). Estes, por sua vez, estão entre os fatores textuais. Para o autor, os fatores de conexão de ações estão voltados para a coesão e a coerência do texto, logo, conclui-se que a intencionalidade contribui para que um texto seja coeso e coerente.

Koch e Travaglia (1997) contemplam a intencionalidade como inserida no grupo de fatores de contextualização, sendo este um subgrupo dos fatores de coerência. Embora a intencionalidade esteja relacionada aos fatores de coerência, os teóricos reconhecem a necessidade dos mecanismos de coesão para que o texto alcance no receptor o sentido previsto pelo emissor (a intencionalidade).

Todo produtor de textos tem determinados propósitos, certas intenções ao visualizar/alcançar seu provável interlocutor. Um exemplo de recurso utilizado para se aproximar do interlocutor são os marcadores de interatividade⁸ (MARCUSCHI, 2002), que são expressões como “oh”, “agora”, “olhe”, “vamos lá” etc. Essas expressões, também denominadas marcadores basicamente interacionais (URBANO, 2006), são definidas “marcadores discursivos, dentre o elenco de mecanismos envolvidos na organização dos textos de língua falada” (RISSO, SILVA E URBANO, 2006, p.403) ou mesmo da língua escrita (MARCUSCHI, 2002). A interatividade é definida como um movimento que propõe envolvimento interpessoal e se apresenta na superfície do texto fazendo parte do próprio texto, ou seja, direcionado do escritor/locutor a um determinado leitor/ouvinte, com expressões ou formas linguísticas familiares a este (MARCUSCHI, 2002). Esses marcadores, que favorecem a interação, aproximando os interlocutores, são marcas da intencionalidade, que estão na superfície do texto.

Marcuschi (2009, p.30) salienta que “o texto forma uma rede em várias dimensões e se dá como um complexo processo de mapeamento cognitivo de fatores a serem considerados na sua produção e recepção”. Para ele, o texto é um acontecimento sócio-comunicativo. Petöfi (1972 *apud* MARCUSCHI, 2009) acrescenta à definição de texto, que comumente esteve relacionada aos elementos linguísticos escrito e/ou oral, os elementos extralinguísticos como apoio para produção textual.

Esses elementos extralinguísticos e prosódicos presentes no texto, para Olson (1997), são indícios da intenção do emissor. Logo, essa intenção está vinculada a aspectos como a entoação, a proeminência, dentre outros, inerentes à prosódia, e também a aspectos extralinguísticos. Tratando especificamente da prosódia, definida como a pronúncia correta quanto à acentuação tônica das palavras (Sacconi, 2009), é possível afirmar que o indício da intenção do produtor equivalente à pronúncia na escrita é, portanto, o ritmo, caracterizado por Chacon (1998) como importante para a organização de atividade linguística, quer oral ou escrita.

⁸ Neste estudo, este conceito será tratado tecnicamente. Para maiores esclarecimentos sobre o tema consultar Marcuschi (2002) e Urbano (2006).

Ainda há poucas publicações concernentes à prosódia, menos ainda com relação à prosódia na escrita. Quanto ao pequeno número de trabalhos sobre prosódia, Scarpa (1991) constata que, até a década de 90, os estudos eram tidos como “marginais” (p. 104). Daí, a necessidade de amadurecimento desses estudos, visto que a prosódia é um campo vasto a ser explorado.

Um estudo de caráter histórico revela que os fenômenos prosódicos foram observados inicialmente na modalidade escrita com documentação poética do século XIII (MASSINI-CAGLIARI, 1999). Contudo, durante bastante tempo, a prosódia foi contemplada apenas em seu aspecto gramatical, em que se estudava, sobretudo, parte do acento e da entoação como tendo uma representação diacrítica na escrita. Do ponto de vista da enunciação, a entoação, o acento e o ritmo são considerados elementos da prosódia, que é reconhecida como atividade linguística, manifestada tanto na modalidade escrita quanto oral de uso da língua.

Ainda sobre a prosódia na escrita, Olson (1997) aponta como problema o fato de, nas transcrições de textos orais, não haver informações suficientes para indicar a intensidade pretendida pelo falante. O autor refere-se ao uso, que alguns transcritores fazem, de palavras que denotem atos de fala e estados mentais, com o propósito de, supostamente, apontar a intenção do falante.

A perspectiva de promover uma transcrição de oralidade que envolva componentes prosódicos constitui a base da Teoria Interacional da Entoação (TIE) de Brazil (1985). Nesse modelo, as pistas entoacionais fornecidas pelo falante através do comportamento prosódico apontam para a transmissão de diferentes informações e possibilitam uma transcrição impressionística que viabiliza uma releitura próxima da produção oral do discurso.

1.4 Teoria Interacional da Entoação (TIE)

Ao desenvolver a Teoria Interacional da Entoação, doravante TIE, David Brazil tornou-se conhecido como um dos primeiros teóricos a estudar o papel da entoação na construção de sentido do discurso (BRITO *et al.*, 2007). A TIE foi desenvolvida pelo teórico na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, entre o final da década de 1970 e início da década de 1980.

A TIE permite, por meio da entoação, adentrar o mundo da construção de sentido na interação humana (LOPES, MADEIRO E AGUIAR, 2007). Brazil (1985) observa os fenômenos da entoação como uma das estratégias usadas pelo falante e direcionadas ao ouvinte a fim de que este último capte o significado que seu interlocutor pretende comunicar através do enunciado. Em outras palavras, o falante usa a entoação visando a transmitir a mensagem com ênfase ao que quer destacar; o ouvinte, por sua vez, capta as pistas entoacionais como recurso facilitador de sua compreensão no contexto interativo (BRAZIL, 1985).

Encerrando sua metodologia em dois livros (*The communicative value of intonation in English*, 1985, e *Discussing discourse*, 1987), Brazil apresenta um estudo pragmático da entoação, em que a prosódia é trabalhada na perspectiva da análise do discurso. Alguns dos conceitos da TIE podem ser conferidos na revisão teórica que se segue.

1.4.1 Padrões entoacionais

A entoação é definida como a variação do tom da voz falada, resultado da escolha entoacional do falante, e está carregada de valor comunicativo. Os falantes de uma língua fazem determinadas escolhas entoacionais, em certos contextos comunicativos, que estão relacionadas a um conjunto de significantes que geram o significado (BRAZIL, 1985).

As escolhas entoacionais, que falantes individuais fazem em determinados contextos enunciativos, mostram que alguns têm preferência por intervalos de tons maiores ou menores que o apresentado mais comumente pelos falantes em geral, adotando um tom não habitual, o qual aponta um significado específico à interação verbal. Não é apenas a velocidade de fala ou a frequência sonora, como julgam alguns teóricos, que determina a entoação. Para Brazil (1985), é improvável que, durante a fala, o sujeito faça uso variado de um parâmetro físico sem alterar outro. Logo, além de velocidade (ritmo) e frequência, a intensidade também é parâmetro físico importante para a composição de sistema de entoação.

As escolhas entoacionais, feitas pelos falantes com a finalidade de interagir com seu interlocutor, vão determinar os diferentes padrões entoacionais. Os padrões

entoacionais também exercem funções interacionais no discurso. São elas: função organizacional, função social e função informativa. A função organizacional relaciona-se à maneira como os falantes organizam seu discurso através do modo como manipulam (usam) os tons. A função social favorece, por meio do uso de padrões entoacionais, a identificação de diferentes falantes com seus respectivos papéis sociais garantidos na relação interacional. Por fim, a função informativa é resultado das orientações quanto ao conteúdo que o falante pretende sinalizar quando faz uso de determinadas pistas entoacionais (BRAZIL, 1985).

Essas escolhas, ou padrões entoacionais, associados ao contexto, segundo a TIE, estão relacionadas a quatro sistemas: proeminência, base, terminação e tom, cada qual favorecendo a apropriação de significado e efeito de sentido do discurso entre falantes e ouvintes.

1.4.2 Proeminência

Proeminência é a ênfase dada a uma determinada sílaba dentre as demais que compõem a unidade tonal. No modelo da TIE, o falante escolhe uma ou duas proeminências, as quais demarcam cada unidade tonal. Esta divisão em unidades tonais oferece melhor inteligibilidade de fala.

A proeminência, a princípio, pode estar relacionada ao léxico e à gramática do enunciado, porém, é interessante considerar que discursos semelhantes se diferenciam por destaque de distribuição livre – sílabas proeminentes em determinada unidade de tom e, em outras, não – com a finalidade de alcançar no ouvinte a produção de certo sentido idealizado pelo falante (BRAZIL, 1985). O falante pode variar, portanto, o local, ou seja, a(s) sílaba(s) proeminente(s) na unidade tonal, mas, normalmente, não existirá, em uma mesma unidade tonal, mais que duas sílabas proeminentes.

Embora a sílaba proeminente esteja associada à escolha do falante e não esteja diretamente relacionada à gramática, há uma maior tendência em escolhê-la a partir da relação com a sílaba tônica. Logo, as sílabas proeminentes estão normalmente relacionadas à sílaba tônica, que, por sua vez, são subconjunto das sílabas proeminentes (BRAZIL, 1985).

Quando há duas sílabas proeminentes em uma mesma unidade tonal, a primeira é a sílaba base e a segunda é a terminação. São as proeminências que fixam o domínio de três variáveis: base, terminação e tom, que são, respectivamente, proeminência inicial, proeminência final e nível (BRAZIL, 1985).

1.4.3 Base e terminação

Para Brazil (1985), base e terminação são níveis distintos de fala usados pelos falantes, marcados pelo nível de *pitch*, e que desempenham funções específicas de efeito no ouvinte:

- Nível baixo (*low key* – LK): a base é comum a um falante que não tem a intenção de acrescentar elementos novos. A pista é equitativa e a terminação é caracterizada por um enunciado conclusivo, sem provocar expectativa no ouvinte.
- Nível médio (*mid key* – MK): a base marca um falante que tem a intenção de afirmar que concorda com o interlocutor. A pista é aditiva e a terminação assinalada por um falante que espera concordância de seu interlocutor.
- Nível alto (*high key* – HK): a base é característica ao falante que tem a intenção de contradizer, implicando um julgamento. A pista é contrastiva e a terminação é abalizada por um falante que oferece ao ouvinte a chance de contestar.

Por serem de natureza interacional, as variáveis entoacionais base e terminação permitem que cada nível de fala seja marcado por funções específicas que viabilizam, no contexto interativo, dotar os enunciados de significações relacionadas ao nível escolhido (LUCIANO, 2000).

Medved (2007), ao tratar deste conceito descrito por Brazil (1985), refere que, quando um falante usa o LK, seu discurso transita em uma esfera existencial em que a informação é a mesma que aquela já fornecida anteriormente. Ao usar MK, o falante concorda com o interlocutor e espera reciprocidade. No HK, o falante julga e espera que o fato se processe de outra forma.

1.4.4 Tom

O tom, segundo a TIE, é um elemento suprasegmental, pré-planejado pelo falante que se realiza na unidade tonal. Em cada unidade tonal, o falante tem opção de usar um dentre os cinco tipos de tons descritos por Brazil (1985) para tornar proeminente uma ou mais sílabas. Ao proferir o discurso usando uma dentre as várias opções de variações tonais, o falante contribui para que a unidade tonal seja efetivamente completa.

Os cinco tons descritos por Brazil (1985) são:

- Ascendente (↗): também conhecido como referente (r^+), são tons que apontam para a emissão de mensagens na esfera do conhecimento partilhado. O sinal (+) acrescido ao referente indica o domínio do enunciado pelo falante.
- Descendente-ascendente (↘↗): assim como os tons ascendentes, estes também são conhecidos como referentes (r) por fazer alusão àquilo que é de conhecimento mútuo entre interlocutores.
- Descendente (↘): são tons classificados como proclamadores (p), pois sinalizam a transmissão de informações novas.
- Ascendente-descendente (↗↘): também são tons denominados proclamadores (p^+), apontam para um falante dominador do discurso que apresenta informações que ainda não eram de conhecimento mútuo dos interlocutores.
- Neutro (→): não está relacionado à intencionalidade dos falantes, está muito mais atrelado à questão gramatical que à pragmática da língua.

Cada um dos tipos de tons descritos aponta para o sentido da mensagem transmitida pelo falante. Por exemplo, os tons descendentes e ascendentes-descendentes apontam para a transmissão de informações novas ou até divergentes.

1.4.5 Unidades tonais

O termo unidade tonal, descrito por Brazil, antes já havia sido trabalhado por outros teóricos, que usaram diferentes denominações. A diferença entre a unidade de tom e as outras descrições é o número de componentes e o número de oportunidades que os falantes podem escolher antes de dar certo sentido ao discurso (BRAZIL, 1985).

Um dos elementos imprescindíveis para a determinação das unidades tonais é a pausa. A pausa é uma interrupção do fluxo de fala, que permite a segmentação em unidades tonais, que podem, em alguns casos, ser facilmente identificadas pelo ouvinte (BRAZIL, 1985).

A unidade de tom apresenta, também, algumas outras características. Cada unidade de tom tem uma ou duas sílabas que permitem ao ouvinte reconhecê-las como mais enfáticas que as demais. Essas sílabas, denominadas proeminentes na TIE, são identificadas por letras maiúsculas. Dentro da unidade tonal, além da proeminência, usa-se o tom, que, segundo Brazil (1985), se divide em cinco tipos: ascendente, descendente, ascendente-descendente, descendente-ascendente e neutro, conforme descrição feita anteriormente.

Em síntese, unidades tonais são divisões da fala contínua em blocos delimitados por pausas, marcados por uma ou duas sílabas proeminentes, as quais se caracterizam por diferentes escolhas tonais que produzem no ouvinte determinado efeito de sentido ao discurso, o qual pode não ser o único possível.

Nessa perspectiva, o falante tem a competência de planejar a unidade de tom, enquanto ao ouvinte compete decodificar (Brasil, 1985). Logo, os efeitos da aplicação da TIE na clínica da linguagem, no tratamento do afásico, podem ser bastante produtivos porque envolve o estudo da interação entre sujeitos, facilitada por enunciados dotados de valor comunicativo com destaque em determinadas porções, o que favorece a compreensão. Ao ponderar sobre os benefícios da aplicação dessa teoria, e para sistematizar as reflexões pertinentes ao tema, foi elaborada uma metodologia de análise descrita no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

2. METODOLOGIA

2.1 Área de estudo

Este estudo foi realizado na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, localizada na cidade do Recife. Parte da coleta dos dados deu-se durante as reuniões do Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP, que ocorrem uma vez por semana, com duração de duas horas, no laboratório de linguagem, no 7º andar do bloco G4. Outra parte da coleta dos dados foi realizada em sessões individuais na Clínica de Fonoaudiologia Manoel de Freitas Limeira, localizada no departamento de Ciências Biológicas e da Saúde, no 6º andar do bloco B da Universidade Católica de Pernambuco.

2.2 População do estudo e critérios de inclusão

Participou deste estudo um sujeito portador de afasia, do sexo masculino, escolhido dentre os participantes do grupo de convivência de afásicos da UNICAP.

Alguns critérios foram importantes na escolha do sujeito, como: apresentar diagnóstico neurológico de afasia, confirmado a partir de avaliação neurológica e fonoaudiológica específica; e ser adulto com idade entre 18 e 65 anos, evitando, com isso, degenerações neurológicas decorrentes da senilidade.

2.3 Caracterização do sujeito

O sujeito (S) participante deste estudo tem cinquenta e um anos de idade, é casado, não tem filhos, concluiu o segundo grau de escolaridade após ter cursado o ensino médio com habilitação para técnico em contabilidade, sua profissão. Seu lazer mais comum é assistir televisão. Passa a maior parte do dia no quarto, ora assistindo TV ora dormindo. Quase todos os dias da semana vai a algum médico ou terapeuta. Durante o dia, tem a companhia de uma cuidadora, pois a esposa trabalha, e, mesmo que chegando à casa somente à noite, sempre faz intervalos durante o expediente de trabalho para falar por telefone com o marido.

Com histórico de hipertensão arterial, fazia uso regular de medicação quando sofreu um acidente vascular cerebral no início do ano de 2010, vindo a apresentar quadro clínico sintomático de afasia. Recebeu, na ocasião, o diagnóstico de afasia mista, mas, no período da pesquisa, as avaliações não detectaram comprometimento de compreensão, o que pode ser um dos indícios de evolução do seu quadro clínico. Segundo relato da esposa e do próprio participante, durante o período de, aproximadamente, um ano, houve evolução no quadro clínico com progressos na fala, na leitura, na escrita e no aspecto motor, com melhoras na locomoção.

Depois do acidente vascular cerebral, continuou administrando com regularidade os medicamentos indicados para o controle da hipertensão e para os demais problemas de saúde. Atualmente administra medicamentos como atensina, lanzacor, turest, apresolina, hidantal, AAS, mevilia, lodipil e risperidona. Para acompanhamento, segue uma rotina rígida de frequência ao neurologista e ao cardiologista. Para tratamento, faz terapias com o psiquiatra, com o fonoaudiólogo, com o terapeuta ocupacional e com o fisioterapeuta, além de hidroginástica, duas vezes por semana, atividade que lhe proporciona bastante prazer, mesmo porque é a única atividade física que realiza. Por prevenção, faz consultas ao urologista e a outras especialidades médicas.

As investigações atuais revelam um indivíduo com sintomas da afasia de Broca, com um quadro clínico em que há comprometimentos na linguagem escrita e na linguagem oral. Apresenta maior grau de resistência ao uso da modalidade escrita. Tem facilidade em nomear coisas e objetos, salvo em raras exceções. Apresenta um ritmo de fala um pouco lentificado, o que não compromete a inteligibilidade. Após avaliação clínica conforme procedimento regular usual, ficou claro que memória, semântica e leitura estão preservadas.

Quanto ao aspecto motor, não existem alterações de força ou mobilidade corporal. Há, apenas, uma tendência de, em certos momentos, realizar movimentos estereotipados de membros superiores, inferiores, ou mesmo, do tronco. Diante da avaliação dos órgãos fonoarticulatórios, verificou-se baixa tonicidade da língua, ausência dos segundos dentes pré molares superiores e inferiores esquerdos e de todos os dentes molares superiores e inferiores bilaterais, bem como redução da

capacidade de controle respiratório que provocam disfunções fisiológicas muito mais relacionadas à mastigação e deglutição que à articulação, o que permite afirmar que a fala do participante é inteligível.

2.4 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo de caso, em que se buscou investigar as pistas entoacionais no processo de reorganização de linguagem de apenas um participante, com método de abordagem indutivo.

2.5 Período de referência

O material que compõe o *corpus* do estudo foi resultado do período efetivo de coleta de seis meses, suspensa por cerca de um mês e retomada no mês seguinte, ficando o período de referência de fevereiro a agosto de 2011.

O intervalo no período de coleta deveu-se a uma hospitalização de urgência após náuseas, vômitos e desmaios. Durante a internação, passou dois dias na UTI e cerca de quinze dias na enfermaria (apartamento).

Depois de passados cerca de trinta dias sem participar dos encontros em grupo e individuais, o sujeito revelou certa mudança de humor, aparentando estar um pouco mais deprimido do que antes do ocorrido, o que gerou maior resistência para a realização de algumas atividades propostas, principalmente de escrita.

Devido a isso, na discussão dos resultados há uma descrição do contexto da atividade, considerando, inclusive, data (se antes ou depois da hospitalização) e humor do informante na ocasião. Sobre a especificidade da data, todas as atividades realizadas antes da hospitalização serão rotuladas como 1ª fase e as posteriores serão classificadas de 2ª fase.

2.6 Método de coleta dos dados

A pesquisadora realizou um contato inicial com os participantes do Grupo de Convivência de afásicos da UNICAP, onde observou e selecionou possíveis

candidatos para uma avaliação mais minuciosa e individual, após o que teve início a seleção dos possíveis participantes da pesquisa.

Uma vez selecionados os informantes em potencial, estes foram convidados para uma sessão de avaliação individual, com a pesquisadora, que é fonoaudióloga. Na avaliação, foram investigadas as condições de comunicação e interação, mais especificamente quanto à competência de uso da escrita e da oralidade.

Logo foi escolhido o sujeito a ser participante do estudo, que, convocado juntamente com a sua família, recebeu explicações concernentes à pesquisa. Apresentados os objetivos e esclarecidas as dúvidas, foram agendados os encontros individuais. Aí o sujeito foi informado do registro e coleta de dados referentes a sua fala e escrita durante as atividades do Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP.

Os dados de fala foram audiogravados e, em algumas ocasiões, videogravados. Os dados de escrita foram coletados mediante recolhimento do material escrito, os quais foram escaneados e arquivados.

As gravações em vídeo e em áudio, com o material vocal de fala resultante da interação entre afásico-afásico, afásico-pesquisador e afásico-outro (familiar, outros pesquisadores participantes do grupo de afasia), foram transcritas sem uso de qualquer pontuação, constando apenas letras ou palavras referentes a sons emitidos. Cada proposta de atividade oral ou escrita, durante a coleta dos dados, referiu-se a um determinado gênero textual.

2.7 Método de análise

Após terem sido feitas as transcrições das gravações das atividades discursivas do sujeito da pesquisa e seus interlocutores em momentos de interação, foram identificadas as situações em que poderiam existir indícios de pistas entoacionais na organização do discurso dos interactantes. Daí passou-se à etapa seguinte, em que foram realizados recortes das transcrições para submetê-los à análise impressionística. A análise impressionística foi realizada pela pesquisadora, por meio de avaliação das amostras do discurso, que foram transcritas, adotando o modelo proposto por David Brazil (1985) da Teoria Interacional da Entoação,

observado no Quadro 02, e revisadas pelos membros do Grupo de Pesquisa em prosódia da UNICAP, para evitar distorções.

Quadro 02- Notação para transcrição impressionística, baseada na Teoria de Brazil (1985).

Padrão entoacional	Ascendente, r ⁺ ou ↗
	Descendente, p ou ↘
	Ascendente-descendente, p ⁺ ou ↗↘
	Descendente-ascendente, r ou ↘↗
	Nível, ° ou →
Proeminências	Sílabas proeminentes = sílaba maiúscula Ex: BOM
	Sílabas não proeminentes = sílaba minúsculas Ex: bom
Sílaba tônica	Sublinhada = _____
Níveis de fala Base e terminação	Alto (<i>high</i>) = sobrescrito Ex: bom ^o
	Médio (<i>mid</i>) = no nível Ex: bom
	Baixo (<i>low</i>) = subscrito Ex: bom _o
Tom	Ascendente (<i>referring</i>) = (r)
	Descendente (<i>proclaiming</i>) = (p)
	Ascendente-descendente (<i>proclaiming</i>) = (p)
	Descendente-ascendente (<i>referring</i>) = (r)
	Nível = (°)
Unidades tonais	/.../
Cadeias tonais	//...//

Para a apresentação dos resultados foram selecionados recortes, que, dispostos ao longo do trabalho, visam contribuir para uma melhor compreensão das discussões apresentadas.

2.8 Considerações éticas

O projeto de pesquisa encaminhado para a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco sob o título “o papel da intencionalidade na escolha tonal”, com CAAE 0008.0.096.000-11 de registro interno e CEP 008/2010, recebeu parecer de aprovação nº 014/2011.

Mediante aprovação, foram iniciadas as atividades referentes à coleta de dados, com apresentação dos objetivos e metodologia ao sujeito participante da pesquisa e familiares, que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (anexo A1 e anexo A2), de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Ao participante foi assegurada a privacidade da identificação e, à pesquisadora, consentimento para a exposição do caso a estudo científico.

2.9 Riscos e benefícios

Como este estudo não apresentou nenhum procedimento invasivo, a pesquisa não ofereceu riscos físicos ou psicológicos ao participante, que não sofreu constrangimento ou aparente desconforto, durante o período de coleta dos dados.

Houve o cuidado em preservar a identidade do participante e em lhe esclarecer de todos os procedimentos durante as diferentes fases da pesquisa. Todas as orientações foram prestadas em linguagem simples, de modo que o participante soubesse, dentre outras informações, de sua liberdade para desistir de sua participação em qualquer momento da pesquisa.

Sem ônus ou lucros financeiros e com contribuições sociais e científicas, a pesquisa oferece benefícios a afásicos e terapeutas da linguagem.

CAPÍTULO III

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo apresenta recortes de trechos de fala, constituídos a partir de momentos de interação entre o sujeito da pesquisa e seus interlocutores, e conteúdos escritos, oriundos de atividades individuais de escrita. Os dados da oralidade estão descritos sob a forma de transcrição impressionística e os dados referentes à escrita apresentam-se na íntegra.

O material de fala e escrita que constitui o *corpus* da pesquisa, produzido nos moldes de gêneros textuais pré-estabelecidos conforme Marcuschi (2008), é analisado na perspectiva discursiva da Teoria Interacional da Entoação (TIE) de Brazil (1985).

As discussões desenvolvidas buscam realçar as pistas prosódicas usadas pelo sujeito da pesquisa como favorecedoras do processo de reorganização de linguagem.

Antes de apresentar os resultados da produção oral e escrita, haverá uma descrição do contexto da proposta de atividade com o propósito de tornar mais claros e compreensivos os extratos e as discussões a eles relacionadas.

3.1 Descrição e análise dos resultados

Ao planejar a coleta dos dados mediante atividades voltadas para determinados gêneros textuais, culturalmente identificados, buscou-se organizar a prática comunicativa em um contexto previamente estabelecido, facilitando, assim, delimitar o assunto tratado, para gerar maior compreensão durante a interação.

Considerando que “todos temos uma competência textual discursiva relativamente bem desenvolvida e não há o que ensinar propriamente” (MARCUSCHI, 2008, p. 81), na proposta terapêutica voltada para o afásico, não se pode ter a pretensão de querer ensinar, mas sim, de contribuir de maneira a favorecer a reorganização da linguagem. Com este intuito, o trabalho com o sujeito foi desenvolvido com o uso de determinados gêneros textuais, envolvendo tanto a modalidade escrita quanto a modalidade oral da língua, com vistas a verificar a existência de pistas entoacionais favorecedoras de sua organização discursiva.

3.1.1 Descrição dos procedimentos que geraram os dados orais, dos quais resultou a análise prosódica

Para as atividades de fala, foram elencados, aleatoriamente, gêneros textuais, considerando-se apenas a capacidade do sujeito em usá-los no seu dia-a-dia, para que lhe fossem oferecidos gêneros usuais de atividade discursiva.

Gênero textual *provérbios populares*

Inicialmente, a tarefa 01 consistiu em completar (continuar) o provérbio iniciado. Por exemplo, a terapeuta falava: “água mole em pedra dura...”, daí o sujeito continuava: “tanto bate até que fura”. Foram apresentados trinta provérbios, dentre os quais: quem ri por último, ri melhor; os últimos serão os primeiros; Deus ajuda quem cedo madruga; quem não arrisca, não petisca; o pior cego é aquele que não vê; não deixe para amanhã o que pode fazer hoje etc. Depois de ter completado vários provérbios, passou-se à proposta discursiva ao tratar sobre a aplicação e o sentido de alguns provérbios.

O Recorte 01 é resultado de uma reflexão sobre o provérbio “em terra de cego quem tem um olho é rei”. Antes de chegar ao ponto transcrito, o participante foi

questionado sobre sua vinda naquele dia ao encontro, se veio de ônibus ou de carro, pois era um dia bastante chuvoso. O afásico relata ter tomado um taxi, mas logo reformula seu enunciado, afirmando ter chegado ao local de ônibus e dá seguimento ao discurso.

O Recorte 01 é uma transcrição de parte de uma atividade individual na presença da terapeuta durante a 1ª fase da coleta de dados. Neste encontro, o sujeito aparentou estar bem disposto, bem humorado e realizou com precisão a atividade de completar os provérbios populares que eram iniciados pela pesquisadora.

Recorte 01 – Transcrição de atividade com gênero textual provérbios populares.

Informante	Discurso	Observações
(01) T:	// enTÃO / VAmos penSAR / se o seNHOR / / viESse à PÉ / num Era piOR /	
(02) S:	/ Era /	
(03) T:	/ se viESse / de Blicicleta /	
(04) S:	/ Vlge maRIa /	
(05) T:	/ e de / e de / MOto /	
(06) S:	/ Vlge maRIa / TAva MUlto / muito fil / / fil / filMAdo /	Sorriso
(07) T:	/ TAva moLHAdo / num Era / tamBÉM /	
(08) S:	/ Era //	Sobreposição

O Recorte 01 apresenta uma sequência em que a terapeuta segue no contexto assegurando o domínio indagativo, enquanto o sujeito se insere no contexto através da narrativa. É comum perceber esse tipo de configuração no

diálogo entre terapeutas e pacientes, em uma relação em que um é o condutor do discurso e o outro é um participante ativo, mas que não tem a responsabilidade de manter a continuidade da atividade comunicativa.

Diferentemente do que se pressupõe, o afásico – aquele que tem sua linguagem desorganizada – é ativo no discurso, como pode ser conferido em (06) quando hesita, fragmenta e permanece tentando até, finalmente, conseguir concluir, embora ao falar “filmado” não tenha conseguido alcançar a palavra almejada. A iniciativa do sujeito também é conferida em (08) quando sobrepõe (07), praticamente roubando o turno.

A postura ativa de segurar o turno e persistir em comunicar é um recurso a ser considerado na terapêutica do afásico. É interessante que os terapeutas dêem espaço e tempo para o afásico reorganizar a maneira como vinha falando até conseguir expressar o que havia planejado. Essa capacidade que o afásico teve de tomar a iniciativa no contexto comunicativo também indica, para os familiares, que o sujeito acometido pela afasia tem condições de continuar fazendo algumas escolhas no cotidiano que, antes era capaz de fazer e, agora, após a doença, é obrigado a aceitar as decisões tomadas pelos “seus responsáveis” (em alguns casos, até os filhos), sem ser considerado seu interesse e prazer.

Na TIE, a hesitação é considerada como inerente à organização sintática, por isso o tom é neutro. Marcuschi (2006) considera a hesitação um fenômeno intrínseco à fala, pois faz parte do ato de organização da linguagem para produção oral. Logo, no trecho de (06), quando o sujeito fala “muito fil, fil” apresenta pista tonal compatível com a organização do discurso para a produção oral. Essa organização, alvo aspirado na terapêutica do afásico, manifesta por pista entoacional, é portanto, um recurso importante no processo de recuperação da afasia.

Na segunda unidade tonal de (03), a terapeuta provoca o sujeito, ao fazer uma proeminência na palavra “bicicleta” que não coincidiu com a sílaba tônica. A ênfase dada à sílaba pré-tônica, estabelecendo forte relação com o provérbio discutido e a afirmação anterior da vinda de ônibus, obteve como resposta em (04) uma informação nova do sujeito, que assegurou o domínio discursivo. A acentuação secundária, na sílaba pré-tônica da palavra “bicicleta”, transmite ao ouvinte um forte componente de significação (BRAZIL, 1985). É interessante que aquele que pretende interagir com o afásico recorra à prosódia e à ênfase de porções do

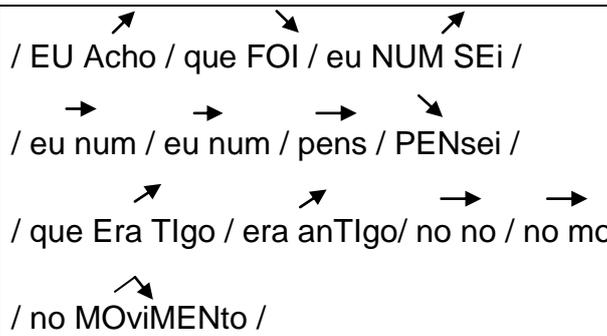
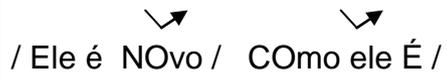
enunciado, visando conduzir o afásico na continuidade do discurso e facilitar o contexto comunicativo.

Gênero textual *conversa espontânea* (parte 1)

O Recorte 02 revela parte de uma conversação espontânea voltada para a festa de São João, que ocorreu no final do semestre, antes do recesso dos encontros do Grupo de Convivência de Afásicos, em encontro individual na presença da terapeuta, durante a 2ª fase da coleta dos dados. Embora o encontro tenha sido depois de um momento difícil de recaídas e hospitalização, na ocasião o sujeito aparentava estar emocionalmente bem.

Antecedente ao recorte, o sujeito da pesquisa faz menção a um participante do grupo, referindo que este afásico dançou bastante durante a festa junina. O discurso segue-se depois da tentativa da terapeuta dar nome ao sujeito afásico de que se tratava na conversa.

Recorte 02 – Transcrição de conversa espontânea (parte 1).

Informante	Discurso	Observações
(09) S:	 <p>/ EU Acho / que FOI / eu NUM SEi / / eu num / eu num / pens / PENsei / / que Era TIgo / era anTIgo/ no no / no mo / no MOViMENTo /</p>	Sinalizando com as mãos, a região do queixo (barba).
(10) T:	 <p>/ Ele é NOvo / COmo ele É /</p>	
(11) S:	 <p>/ é / caREca /</p>	
(12) T:	 <p>/ caREca /</p>	
(13) S:	 <p>/ caREca / caREca /</p>	

(14) T:	/ BARba é / TEM BARba é /	
(15) S:	/ BARba //	

No Recorte 02, há um movimento em que o uso de gestos e expressão corporal soma-se à produção oral. Esses elementos paralinguísticos, conforme Marcuschi (2005), são comuns à oralidade e têm o intuito de contribuir com a produção oral.

Para o sujeito, que apresentou uma dificuldade de nomeação, os recursos expressivos associados aos recursos prosódicos favoreceram o entendimento, gerando a compreensão e continuidade do discurso. O conteúdo da fala não pode ser analisado dissociado dos gestos, dos movimentos corporais, do olhar e dos elementos prosódicos porque não forneceria dados fidedignos de resultados e prejudicaria uma discussão adequada.

A significância do gesto é visualizada em (10) quando a terapeuta pede uma característica particular ao sujeito afásico de que ambos falavam. O sujeito da pesquisa oferece em (11) uma informação oral não condizente com o gesto de apontar com as mãos a região do queixo. A pista corporal do sujeito levou a terapeuta a indagar sobre a palavra dita em (12). Caso não fosse considerado o gesto de apontar para a barba e houvesse, unicamente, a escuta da palavra “careca”, o discurso tomaria outro rumo que se afastaria cada vez mais do alvo comunicativo e frustraria a interação entre o sujeito e seu interlocutor.

O que chama a atenção é o movimento de afirmação seguido de indagação feito pelo sujeito em (13), sinalizando ter captado o julgamento em (12), ao passo que oferece a possibilidade de ser contestado, configurando-se, assim, um nível alto (HK) conforme níveis de fala de Brazil (1985). A reformulação feita pelo sujeito, que afirma e logo em seguida questiona, é indicativa de sua percepção quanto à discordância entre fala e gesto. Logo, a pista entoacional foi elemento fundamental para reorganização de discurso e condução do enunciado.

Saussure, em seu Curso de Linguística Geral, afirmou que a repetição de uma palavra pela mesma pessoa, no mesmo discurso, comunica informações diferentes como acontece em (13). O fato de repetir a mesma palavra com tons

diferentes aponta para uma ideia que, nos termos de Saussure (1997), é chamada de ideia psicológica, diferente.

Em (14), a terapeuta, após a concessão do turno pelo sujeito, nomeia adequadamente aquilo que ele chama de “careca”, o que pode ser verificado diante da presença de um tom descendente. Embora a expressão usada, “barba”, esteja seguida da expressão “é”, bastante comum em contextos indagativos, o tom usado pela terapeuta aponta a transmissão de informação nova inerente ao contexto narrativo. Logo, percebe-se a importância de não separar o conteúdo transcrito de fala das pistas prosódicas a ela associados, porque levaria o enunciado a apresentar outro significado e seguir por outro caminho.

Gênero textual *conversa espontânea* (parte 2)

O Recorte 03 é a continuação da conversação iniciada no Recorte 02. O sujeito persiste em descrever oferecendo pistas mais precisas até que a terapeuta possa, por meio delas, identificar o sujeito em questão.

Tanto o Recorte 02 quanto o Recorte 03 apresentam um movimento de linguagem que não se limita ao uso oral da língua, mas que também transita em seu campo multimodal, com uso de gestos e expressões faciais que favorecem o contexto interativo e facilitam a compreensão.

Recorte 03 – Transcrição de fala de Conversa espontânea (parte 2).

Informante	Discurso	Observações
(16) S:	<p>→ → ✓ → → / êh / ele / PArece / quele / que / ↗ ↘ / que nUM TEM / ISso aQUI /</p>	Ao usar o termo aqui, aponta para seu próprio braço.
(17) T:	<p>→ ✓ / hum / Ele paREce / ↗ ↘ / que não TEM o moviMENTo / do BRAço É / ↘ ↙ ↗ ↘ / PERAÍ / DEixa eu PENsar / quem É /</p>	

preenchido por fala marcada pela prosódia com tom próprio à transmissão de informação.

Em (18), finalmente se encerra a cadeia tonal, marcada por tom descendente, pois, pesquisadora (T) e sujeito (S), identificam o sujeito que motivou as Transcrições 02 e 03. Em todo o enunciado descrito nos Recortes 02 e 03, o contexto, os gestos e expressões corporais, bem como a entoação tiveram papel equivalente na construção de sentido discursivo entre afásico e terapeuta. Daí a importância de estar interagindo face a face sem desconsiderar nenhuma das pistas fornecidas pelo afásico durante o processo terapêutico.

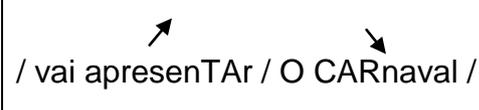
Gênero *textual propaganda/ venda* (parte 1)

Nos Recortes 04 e 05, o gênero textual propaganda, do domínio discursivo publicitário, e o gênero textual venda, do domínio discursivo comercial, foram as atividades propostas para o encontro do Grupo de Convivência de Afásicos durante 1ª fase da coleta de dados. Na ocasião, início de semestre e de novas abordagens didáticas relativas a atividades com o grupo, verificou-se a disposição e boa habilidade do sujeito da pesquisa em interagir com o grupo.

A proposta foi que cada participante do grupo escolhesse uma figura e fizesse uma propaganda com o propósito de vender seu produto. O sujeito do estudo escolheu um ventilador.

Para o Recorte 04, cabe fazer uma legenda em que (T) denota terapeuta, (S) sujeito e (PG) sujeito afásico do sexo feminino participante do grupo.

Recorte 04 – Transcrição de propaganda/ venda (parte 1).

Informante	Discurso	Observações
(19) T:	 	Sobreposição a partir de
(20) S:	 	

		<i>apresentar de</i>
(21) PG:	/ POis NÃO / VAi LÁ /	T.
(22) S:	/ o carnaVAI / que / VAi SEr / no / na / / na / na PLANta /	
(23) PG:	/ umh /	
(24) S:	/ e no CARnaval / vai () / VAi cheGAR / / o carnaVAL /	() marca fala ininteligível
(25) T:	/ Olhe / VAmo LÁ / ISso AÍ / tamBÉM / /no carnaVAI / foi imporTANTE FOi / ISso AÍ /	
(26) S:	/ foi /	Sobreposição de vozes
(27) T:	/ por QUÊ /	
(28) S:	/ porQUE / venTIlA todo MUNdo /	

O Recorte 04 é assinalado por Marcadores de interatividade (MARCUSCHI, 2002) predominantes na fala da pesquisadora. Exemplo, (19) “oh”, “agora” e (25) “olhe”, “vamos lá”. Essas expressões, também denominadas marcadores basicamente interacionais, por Urbano (2006), são definidas “marcadores discursivos, dentre o elenco de mecanismos envolvidos na organização dos textos de língua falada” (RISSO, SILVA E URBANO, 2006, p.403). Esses marcadores favorecem a interação, aproximando os interlocutores. O uso dos marcadores de interatividade pela pesquisadora revela sua tentativa em se fazer compreendida pelos afásicos reunidos em grupo e lhes manter conectados nas informações subsequentes.

A palavra “carnaval” da última unidade tonal de (20) e da primeira unidade de (24), assinalada pela ênfase na sílaba pré-tônica, ou seja, destacada pelo sujeito, não era a palavra esperada pelos ouvintes, uma vez que o sujeito havia escolhido um ventilador para fazer a propaganda. Para o sujeito afásico, nomear

adequadamente alguns objetos é uma tarefa difícil, mas a ênfase dada à palavra “carnaval” e a falta da palavra “ventilador”, representada por uma figura que segurava nas mãos, não foram, nem são empecilho, para o prosseguimento da atividade comunicativa, desde que o interlocutor considere todo o contexto.

As informações por trás do uso do tom na palavra “carnaval” levaram a terapeuta a tentar, pelas vias do contexto indagativo apoiado pelos marcadores de interação, buscar o sentido, que não tinha sido captado no primeiro momento, mas que estava na superfície do texto marcada pela prosódia.

Como “todo texto é resultado de uma co-produção entre interlocutores” (KOCH, 2006, p. 40), a interação face a face permitiu o fechamento da transcrição referente ao Recorte 04 com emissão da palavra “ventilador” pelo sujeito, com um tom de voz relacionado à transmissão de uma informação nova. Isso permite perceber que, mesmo diante da dificuldade de nomeação, os recursos prosódicos são usados pelos sujeitos afásicos na transmissão de linguagem oral e são por eles tomados como facilitadores do processo de compreensão, relacionado ao efeito de sentido.

Gênero *textual propaganda/ venda* (parte 2)

No Recorte 05, o sujeito, efetivamente, faz a propaganda de seu produto (ventilador). Para identificar os vários informantes desse discurso, cabe a legenda: (T) terapeuta; (S) sujeito; (MG¹, MG², MG³ e MG⁴) diferentes monitores do grupo (todos de sexo feminino, alguns são fonoaudiólogos) e (PG¹ e PG²) sujeitos afásicos participantes do grupo.

Recorte 05 – Transcrição de propaganda/ venda (parte 2).

Informante	Discurso	Observações
(29) T:	/ enTÃo / QUANto É / ESse venTIlador / / eu QUERo SAber /	
(30) S:	/ DEz reAis /	Sobreposição a partir de <i>ventilador</i>

(31) T:	/ ãHM /	
(32) S:	/ DEz reAis /	
(33) MG ¹ :	/ Ôxe / DEz reAis /	
(34) MG ² :	/ POis eu QUERO /	Sobreposição a partir de ôxe
(35) PG ¹ :	/ TÁ de GRAça /	Falas simultâneas
(36) MG ¹ :	/ tá MUito BARato /	
(37) PG ² :	/ tá pechinCHANdo /	
(38) T:	/ voCÊS QUERem / VENder as COisas /	
(39) S:	/ NÃO é /	
(40) MG ³ :	/ é do paraGUAI / ESse ventilaDOR /	
(41) MG ⁴ :	/ NÃO /	
(42) S:	/ é de PIlha É / é de PIlha /	
(42) S:	/ NUm sei //	

O Recorte 05 apresenta maior número de participantes interagindo por ocasião do encontro em grupo. Há algumas dificuldades em fazer uma transcrição desse tipo porque é preciso se concentrar nas falas, uma vez que há muitas sobreposições de vozes, pois todos querem opinar de alguma maneira. Além da fala do afásico participante da pesquisa e da pesquisadora, há predominância de falas de outras pesquisadoras, as quais são citadas como monitoras do grupo (MG) sem, contudo, deixar de considerar a fala de alguns participantes do grupo (PG) que são afásicos.

Em unidades tonais de (29), as expressões “é” em “quanto é”, e “ventilador” estão destacadas pela proeminência não coincidente à gramatical e são relacionadas entre si. Seus destaques se devem ao fato passado no Recorte 04, em que o sujeito com a figura e o nome “ventilador” em mãos fala em “carnaval”. Associado a isto está a intenção de enfatizar dois elementos importantes da propaganda/venda, o preço e o produto. As palavras enfatizadas formam uma sequência que sintetiza, marca as informações relevantes do enunciado e torna mais objetiva e dinâmica a interação. A expressão “barato” em (36), em meio a falas simultâneas, com proeminência dada à sílaba pré-tônica, também tem a função de reforçar e sintetizar, por meio da ênfase, todas as falas que ocorrem paralelamente.

Em (31) o termo “ãh” acompanhado de uma entoação indagativa com tom ascendente está inserido nos marcadores de interatividade como fático de natureza ou entonação interrogativa, depois de enunciado declarativo ou depois de enunciado interrogativo, conforme classificação de Urbano (2006). No caso, seguido de enunciado declarativo, o termo recebe o sinal de ascendência por não se tratar de um componente de ordem sintática e sim de ordem fática, ou seja, de ênfase. A intenção por vias da ênfase é bem percebida pelo afásico com dificuldades expressivas e viabiliza a abertura de seu discurso.

T, em (38), realça “vender” retomando mais uma vez a proposta da atividade. Brazil (1985) destaca que, para atribuir sentido a uma unidade tonal, é preciso observar a relação dela com as demais unidades e onde as proeminências são feitas. Quando o afásico se perde em meio a muitas falas e informações, é conveniente fazer uma retomada do assunto. A pista entoacional favorece enormemente a condução da retomada do assunto tratado entre afásico e interlocutor.

Gênero textual *jogo*

O gênero textual jogo, trabalhado na oralidade, com o Grupo de Convivência de Afásicos, durante a 1ª fase de coleta de dados, cuja transcrição encontra-se no Recorte 06, consistiu em uma atividade lúdica em que cada participante do grupo escolhia uma palavra dentre as que estavam em uma lista de palavras que despertam emoções, ou seja, palavras carregadas de sentido e lembranças. Depois da escolha, o afásico deveria apresentar a palavra aos demais participantes do

grupo aplicando uma inflexão de voz adequada e falar de alguma lembrança relacionada.

O sujeito da pesquisa escolheu a palavra “fogo”, porém, contaminado pelo discurso do afásico que o antecedeu, falou “morte” com a inflexão que trazia a ideia de perigo, urgência. Na continuidade, em trecho de fala não visualizado no recorte, o afásico, auxiliado por outros afásicos do grupo que estranharam e leram sua palavra, persistiu em falar a palavra “morte”, até mesmo quando referiu, com uso de gestos, que o sobrinho se queimou na mão. Para não restar dúvidas, uma das monitoras questionou se tinha queimado um pouco, ele respondeu que sim. Aparentou estar usando a inflexão adequada, embora a palavra alvo não estivesse sendo pronunciada como pretendida por ele.

Recorte 06 – Transcrição de atividade envolvendo gênero textual Jogo (palavra carregada de lembranças).

Informante	Discurso	Observações
(43) T:	// SEu FULano /	
(44) S:	/ foi / TEve a MORte / morte /	
(45) T:	/ ESsa / NÃão /	
(46) S:	/ MORte / FOi /	Sobreposição a partir da palavra não.
(47) T:	/ ESsa AÍ /	
(48) S:	/ Ela DISse / MORte /	
(40) T:	/ ah sim /	
(50) S:	/ fê / ficou o / meu soBRInho / / MORte / MORte / MORte //	

Para Brito *et al* (2007), o trabalho com prosódia, mais precisamente, com entoação, é um recurso útil para o processo de aquisição da linguagem. Conforme estudos dos autores, no processo de desenvolvimento da linguagem da criança, o surgimento da entoação precede o surgimento do léxico e da gramática. Partindo desse pressuposto, é aceitável inferir, a partir dos achados no Recorte 06, que no processo de organização da linguagem a entoação também tem papel importante, pois na ocasião em que o afásico não conseguiu pronunciar a palavra almejada, nem em face da leitura nem e face da repetição, a entoação ofereceu pistas para o interlocutor dar prosseguimento à atividade comunicativa.

Em (45) a pesquisadora (T) fez um alongamento vocálico ao falar “não”. Para Marcuschi (2006), o alongamento vocálico é um componente que serve para dar ênfase. Usado como estratégia prosódica de coordenação rítmica, é, comumente, empregado pelos falantes do nordeste brasileiro.

Diante do questionamento (47), referente à palavra que deveria ser trabalhada, o sujeito em (48) falou “ela disse”. Ao destacar o “ela”, a pesquisadora deu o sentido de que o termo referia-se ao outro afásico que tinha falado antes do sujeito deste estudo e que tinha escolhido a palavra “morte”. Ao ter dado este sentido, não outro, em (49) a pesquisadora usou o tom neutro. A continuidade do discurso veio surpreendente, pois com a perseverança da palavra “morte”, o recorte não permite afirmar se o termo “ela” em (48) se tratava do outro afásico ou do seu sobrinho citado em (50), uma vez que não foi verificado o gesto de apontar para o companheiro.

A ausência de dados referentes aos recursos corporais ligados ao contexto dificulta, no ato da releitura, alcançar os sentidos possíveis. Na fala, o afásico dispõe de uma multimodalidade de recursos para a organização de seu discurso, atribuindo-lhe sentido, ao mesmo tempo em que propicia a sustentação de suas relações interpessoais. Esta multimodalidade é visualizada através dos atos linguísticos, paralinguísticos e dos cinésicos, que precisam ser analisados conjuntamente e, se não forem assim considerados, podem gerar uma interpretação diferente da intenção do falante.

As relações interpessoais dos afásicos estão comumente prejudicadas porque os amigos e familiares não são esclarecidos sobre as desordens daquela linguagem por ocasião da afasia e despreparadamente não conseguem estabelecer uma comunicação. A justificativa dos interlocutores é não entender o que o afásico fala e

imaginarem que o afásico também não os compreende. Os achados no Recorte 06 revelam que a dificuldade em estabelecer uma comunicação efetiva está no fato de considerar apenas a fala dissociada de prosódia e de elementos paralinguísticos, não em uma incapacidade particularmente inerente ao sujeito acometido pela afasia.

Gênero textual *telefonema*

O Recorte 07 é a transcrição da maior parte de uma ligação telefônica que a esposa (P) do sujeito (S) fez para ele durante encontro individual com a terapeuta (T) em uma ocasião da 2ª fase de coleta dos dados. O telefonema previsto e acordado entre terapeuta e familiar não era de conhecimento prévio do sujeito. Na ocasião, o afásico apresentou temperamento tranquilo e sereno, o que favoreceu a interação.

Recorte 07 – Transcrição de telefonema.

Informante	Discurso	Observações
(51) S:	↗ / OI /	
(52) P:	...	
(53) S:	↘ / BOM /	
(54) P:	...	
(55) S:	↘ → → → ↘ / EU / e / e / a pa / a pesSOa aQUI /	
(56) P:	...	
(57) S:	↘ / É /	
(58) P:	...	
(59) S:	↘ / GOsto /	
(60) P:	...	

(61) S:	/ GOsta /	
(62) P:	...	
(63) S:	/ gosTAno / sim /	
(64) P:	...	
(65) S:	/ TÔ /	
(66) P:	...	
(67) S:	/ NUm TÔ / NÃo /	
(68) P:	...	
(69) S:	/ tô aQUI / converSANDo / com Ela /	
(70) P:	...	
(71) S:	/ FOi /	
(72) P:	...	
(73) S:	/ FAz NÃo /	
(74) P:	...	
(75) S:	/ FOi /	
(76) P:	...	
(77) S:	/ o QUÊ /	
(78) P:	...	
(79) S:	/ NÃo /	
(80) P:	...	
(81) S:	/ hum /	

(82) P:	...	
(83) S:	/ perGUNto /	
(84) P:	...	
(85) S:	/ quer / quer SUco de caJU /	
(86) T:	/ Eu / Eu /	
(87) S:	/ unh /	
(88) T:	/ QUERO /	
(89) S:	/ quer / quer / QUER SUco /	
		Dirige o olhar para T ao questionar

No Recorte 07, a atividade discursiva entre o sujeito e sua esposa foi alternada em turnos, que, conforme Koch (2006), favorece a dialogicidade. Contudo, o gênero textual telefonema, segundo a autora, não pode ser considerado simultâneo porque os interlocutores não estão no mesmo espaço. A ausência da fala do outro interlocutor no Recorte 07 não permite precisar informações. A análise partirá de inferências pela fala do sujeito.

Conquanto seja um gênero difícil de analisar do ponto de vista da intencionalidade, pela ausência da voz do outro sujeito, o gênero telefonema foi incluso na pesquisa, pela possibilidade de investigar a relação do afásico com seu interlocutor em ausência, ou seja, que não está face a face e não percebe as nuances paralinguísticas complementares à fala. Os achados refletem a possibilidade do afásico de se comunicar, mesmo nesta situação adversa de falta de elementos complementares.

Nas unidades tonais de (65) e (67), pertinentes a um contexto narrativo de caráter informativo, não é possível afirmar se o sujeito responde a um ou dois questionamentos diferentes. O que se percebe é que o tom é descendente para as três unidades tonais, como para a maior parte do recorte. Em face de limitar-se a responder as perguntas a ele direcionadas, é comum que o afásico mantenha-se em um contexto narrativo. Mesmo sendo composta predominantemente por respostas, é plausível perceber o movimento comunicativo, pois não há respostas limitadas a sim

ou não, o que caracteriza um sujeito constituído na e pela linguagem e que nunca mais se livrará dela.

Os trechos de (85) a (88) ocorrem face a face porque o sujeito do estudo dirige uma pergunta para a pesquisadora e esta lhe responde. Na resposta, em (86) a pesquisadora usa a mesma palavra em duas unidades tonais diferentes, mas, em uma, usa o tom ascendente e, em outra, usa o tom descendente. Saussure (1997) descreve, dentre outras características, a inflexão de voz como fator importante para revelar nuances que determinam diferentes sentidos a uma mesma palavra proferida no mesmo discurso. Mais uma vez se observa a relevância da prosódia sobre o elemento gramatical e a necessidade de trabalho conjunto com estes componentes na clínica fonoaudiológica.

Gênero textual *entrevista* (parte1)

As transcrições 08 e 09 são recortes de parte de uma entrevista simples com perguntas e ordens segundo o modelo de Jakubovicz e Cupello (2005 p. 225), realizada em encontro individual na 2ª fase da coleta de dados, ocasião em que o sujeito se reorganizava emocionalmente e prosseguia.

O Recorte 08 é resultado de um diálogo que sucede o questionamento sobre a ida do sujeito a algum estado ou cidade do Sul do Brasil. Por ter visitado São Paulo, o sujeito responde com propriedade aos questionamentos.

Recorte 08 – Transcrição de entrevista (parte 1).

Informante	Discurso	Observações
(90) T:	/ LÁ é QUENte / ou FRlo /	
(91) S:	/ FRlo /	
(92) T:	/ TEM Época do ano / que fica QUENte /	
(93) S:	/ NÃO / não tem / tem / TEM época do Ano / / que é / que é MAis FRlo //	

No Recorte 08 não há pistas entoacionais que caracterizem uma ênfase específica dada em uma sílaba não coincidente com a sílaba tônica da gramática do português. Contudo, existem sílabas proeminentes no recorte que produzem sentido. Mesmo as sílabas não proeminentes são carregadas de sentido (BRAZIL, 1985). Todo o fragmento revela tons que variam entre os referentes a conhecimento partilhado e a informações novas conforme a TIE de Brazil (1985).

Em (92), T faz uma pergunta que poderia ter sido respondida apenas com “sim” ou “não”, mas, em (93) S responde na primeira unidade tonal e segura o turno preenchendo o espaço do silêncio com uma hesitação, que, para Marcuschi (2006), é usada para ganhar tempo para planejar o conteúdo a ser verbalizado.

A hesitação do sujeito em (93) também pode ser entendida como uma maneira empregada para segurar o turno e não permitir que o interlocutor fale sem, antes, ter concluído seu pensamento. Esse tipo de hesitação, identificado como pausa preenchida, é comum a falantes que têm dificuldade em manter o turno por serem menos fluentes (MARCUSCHI, 2006). A dificuldade de fluência do afásico o levou a desenvolver uma estratégia que beneficie a continuidade de seu discurso. Essa estratégia, se interrompida, pode levar o afásico a desorganizar o conteúdo de sua fala, assim como acontece com qualquer outro falante quando é interrompido.

Gênero textual *entrevista* (parte1)

No Recorte 09, a temática volta-se para as atividades do cotidiano do sujeito com proposta que requer a habilidade de nomeação, com a qual os afásicos sentem bastante dificuldade em lidar. Em algumas ocasiões, ao longo do período de coleta dos dados, o sujeito de nosso estudo apresentou dificuldade em nomear. No recorte, é perceptível a inabilidade na nomeação, comum a todos os tipos de afasia, segundo Leal e Martins (2005).

Recorte 09 – Transcrição de entrevista (parte 2).

Informante	Discurso	Observações
(94) T:	<p>// o QUE o seNHOR / normalMENTe TOma /</p> <p>/ no seu caFÉ da maNHÃ /</p>	
(95) S:	<p>/ caFÉ / a / é / a / LEite / e / ba /</p> <p>/ baNAna COM / é / COmo É meu deus /</p> <p>/ COmo É /</p>	

Mais uma vez aparece a hesitação desempenhando a função de manutenção do turno e organização do pensamento para produção oral em (95). Para Marcuschi (2006), dentre outros papéis, a hesitação desempenha o papel interacional e é produzida ao nível supra-segmental pela prosódia.

É interessante que fonoaudiólogos e familiares atentem para a hesitação, apreciada como uma dificuldade inconsciente de seleção metafórica comum aos afásicos, considerando seu papel entoacional na organização do pensamento para produção de fala, pois, se houvesse a tentativa de resposta da terapeuta ao “banana com, é...”, não existiria tempo para o afásico se organizar e produzir a palavra idealizada. Daí, a necessidade de uma escuta mais acurada, menos precipitada e menos apressada durante interação com o afásico.

Em (95) é perceptível o uso entoacional com variação tonal rica, transitando do contexto narrativo ao indagativo com mescla do tom neutro. A consideração permite afirmar que o sujeito com comprometimento de linguagem toma a prosódia como facilitador do contexto discursivo. Além disso, não importa a quantidade de fala do sujeito, mas a qualidade de transmissão do conteúdo, que, no caso, é riquíssima.

Gênero textual *ordem*

Para o Recorte 10, o nome real da cuidadora foi substituído por um pseudônimo, de modo a preservar a identidade do sujeito e demais participantes da pesquisa.

Expressões similares ao trecho recortado sucediam, rigorosamente, todos os encontros que ocorreram durante a 2ª fase da coleta de dados. Ao final dos encontros individuais, era comum que o sujeito chamasse sua cuidadora. Em uma destas ocasiões, esse chamado foi gravado como pode ser conferido no Recorte 10.

É interessante notar que o chamado, mesmo carregado de dependência do sujeito pelo auxílio de sua cuidadora, também pode se revelar como uma ordem para que ela venha ao seu encontro para ajudar, até mesmo, com informações.

Recorte 10 – Transcrição de chamamento (ordem).

Informante	Discurso	Observações
(96) S:	/ Lla /	Sorriso
(97) T:	/ TEM que saBER / com Lla / NÉ /	
(98) S:	/ Lla /	
(99) T:	/ caDÊ Lla /	
(100) S:	/ Lla //	

A escolha de tons referentes (r^+) nas unidades (96), (98) e (100) apontam o domínio do sujeito no enunciado. Condizente com o contexto discursivo, o tom ascendente, captado por ocasião do chamado, revela um sujeito que tem um papel importante na organização da linguagem, que é uma das características de todo o sujeito que se comunica. Comunicação, abordada neste estudo, não no sentido de transmissão de informações, mas de interação, o que envolve a língua e o social.

A imagem que faz de si, como emissor do discurso, e a imagem que julga que o receptor faz dele, estão marcadas na fala do afásico. Pela escolha tonal dominante, no Recorte 10, supõe-se que a imagem que faz de si é de indivíduo capaz de usar a linguagem para interagir. Logo, a necessidade de que os interlocutores não o julguem como aquele que não “sabe”, que “desaprendeu”, é fundamental para a constituição de sua imagem como indivíduo capaz de lidar com

a linguagem. Familiares e terapeutas são orientados a não usar atividades que infantilizem ou passem a ideia de que o afásico desaprendeu o uso da linguagem.

Gênero textual *aconselhamento*

O recorte do aconselhamento teve origem depois de um debate em encontro individual durante 2ª fase da coleta de dados, ocasião em que o sujeito estava um pouco depressivo, embora, como sempre, bem disposto para as sessões com a fonoaudióloga.

O assunto discutido foi a invasão de *hackers* aos *sites* do governo federal brasileiro que se passou no curso da semana corrente da coleta. Subsequente à interação, a terapeuta pede um conselho (Recorte 11), dentre outros solicitados no mesmo dia após outras temáticas abordadas.

Recorte 11 – Transcrição de aconselhamento.

Informante	Discurso	Observações
(101) T:	<p>// Dlga AÍ / me DÊ um conSElho /</p> <p>/ eu TEnho computaDOR /</p> <p>/ o que é que eu FAço /</p>	
(102) S:	<p>/ TEM cuiDAo / com o HAcker //</p>	

O gênero textual aconselhamento (Recorte 11) está inserido no domínio discursivo instrucional (MARCUSCHI, 2008). Domínio discursivo não envolve um gênero em especial, mas engloba vários deles. “Constitui práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais...” (MARCUSCHI, 2008, P. 155).

Todos os gêneros textuais para o trabalho com oralidade do sujeito desta pesquisa estão vinculados a algum domínio discursivo. Dentro do domínio discursivo instrucional estão os gêneros textuais de cunho científico, acadêmico e educacional. Geralmente, antes da desorganização de linguagem, as práticas diárias, a demanda

de trabalho e estudo fazia com que os gêneros textuais inseridos dentro do domínio discursivo instrucional fossem usuais, mas depois de acometido pela afasia, as limitações de estudo e trabalho fazem com que os gêneros sejam menos usados, conseqüentemente o afásico é menos hábil para lidar com eles.

Ao selecionar os gêneros textuais para serem trabalhados, é importante que se considere o uso na prática diária do sujeito da pesquisa. O domínio em questão, por não ser tão comum ao dia-a-dia do sujeito da pesquisa, levou à necessidade de um esforço maior, por parte da terapeuta, para contextualizar a condução da atividade.

A palavra “conselho” em (101) foi introduzida no enunciado para nortear o discurso remetendo a fala do sujeito ao gênero aconselhamento. Na interação com o afásico, em alguns casos, é conveniente introduzir ao enunciado uma palavra que sirva para definir o gênero a ser trabalhado com a finalidade de conduzir o assunto.

Em (102) a proeminência na palavra “hacker” com curva descendente, além de evidenciar a compreensão do texto lido previamente ao discurso oral, está relacionada à noção de término pela queda do *pitch* no final do enunciado (CRUTTENDEN, 1997 *apud* MEDVED, 2007). Mesmo com a dificuldade inerente ao gênero trabalhado, o afásico é capaz de transitar bem dentro da temática, graças ao contínuo estabelecido entre fala e escrita (no caso, leitura de enunciado escrito), desde que, lhe sejam apresentados textos que façam sentido e que considerem seu grau de letramento.

Gênero textual *adivinhações*

A proposta para o gênero textual adivinhações, coletado durante a 2ª fase, consistiu em uma atividade na qual o sujeito tentava adivinhar palavras das categorias semânticas frutas e verduras mediante dicas oferecidas pela terapeuta.

Não obstante a motivação do sujeito, a atividade deu um pouco mais de trabalho além do normal, porque o afásico, em muitas ocasiões, falou palavras da mesma categoria semântica sem, contudo, ter nenhuma relação com a dica oferecida, como pode ser visto no Recorte 12.

Outra dificuldade foi que o sujeito não conseguia dar as dicas para a terapeuta. Quando lia a palavra referente às frutas ou verduras no papel, as pronunciava imediatamente. Houve, também, uma dificuldade especial em adivinhar

as verduras, isto talvez esteja relacionado a seus relatos de ter pouca experiência com preparo de refeições.

Recorte 12 – Transcrição de adivinhações.

Informante	Discurso	Observações
(103) T:	// é uma fruTA / um POuco avermeLHAda / / por FOra /	
(104) S:	/ verMElha / laRANja	
(105) T:	/ VERmelha / NÃO / verMElha / /DESsa COr aqui óh / POr FOra /	Apontando
(106) S:	/ maÇA /	
(107) T:	/ aCERtou / óh aQUI /	Mostrando a palavra
(108) S:	/ FOi //	

Conforme os achados no Recorte 12, observa-se a prevalência de curvas entoacionais descendentes. Segundo Brazil (1985), o tom descendente denota maior grau de informatividade ou narrativa e, neste caso, pode estar associado à assertividade e à passagem de turno. Turnos com finalizações bem marcadas auxiliam na percepção da passagem da oportunidade de fala, de um para o outro falante.

Na primeira unidade tonal de (104) e em (108) a proeminência com padrão ascendente aponta postura interrogativa e funciona com pista para chamar a atenção do interlocutor para o enunciado (BRAZIL, 1985).

A proeminência na palavra “fruta”, em (103), com tonicidade na sílaba pós-tônica caracterizada por alongamento da vogal “a” final, é uma escolha carregada de intencionalidade que serve para dar ênfase (MARCUSCHI, 2006). Semelhantemente, a palavra “vermelha”, em (105) com proeminência na sílaba pré-

tônica, com *pitch* baixo, está associada à intenção de proclamar enfaticamente uma informação nova, conforme Brazil (1985).

Toda a intenção da terapeuta, com a proeminência nas palavras “fruta” e “vermelha”, é captada pelo sujeito, que produz significado que resulta na informação transmitida em (106). A proeminência é elemento fundamental na entoação dos falantes que se dirigem ao afásico, pois favorece a construção de sentido do discurso. b

Gênero textual *notícias*

Os encontros do Grupo de Convivência são divididos em atividades voltadas para propostas discursivas orais, escritas e lúdicas. No primeiro momento de todos os encontros são compartilhadas as notícias da semana. Neste momento, os afásicos interagem contando os fatos que foram matéria na TV, no rádio e no jornal impresso.

Essa proposta discursiva favorece a interação e, sobretudo, é o ponto de partida para os afásicos iniciarem uma atividade dialógica, geralmente começada e eventualmente mediada por uma das monitoras, conforme Recorte 13.

Recorte 13 – Transcrição de gênero textual notícias.

Informante	Discurso	Observações
(109) T:	// e enTÃO GENte / as noTÍcias / / da seMAAna / SÃO / / eu só SEi Uma /	Sorriso
(110) S:	/ presi / presiDENTE morREU //	

A palavra “então” falada pela terapeuta (pesquisadora) em três dos recortes apresentados ao longo desta pesquisa, assim como no Recorte 13 no (109), foi objeto do estudo de variáveis quantitativas por Rizzo, Silva e Urbano (2006). Dentre

as variáveis analisadas está a alta recorrência relativa à orientação da interação. Para os autores, “então” é apreciada como marcador discursivo, que, dentre outras características, é prosodicamente demarcado nos discursos.

De acordo com a primeira unidade tonal de (109), o tom que se associa à palavra “então” é descendente-ascendente. Para Brazil (1985), quando o falante usa o tom descendente-ascendente, oferece ao interlocutor a pista para que fique atento ao enunciado, como o observado em (109). Moura (2009), verificou que os marcadores de interatividade são mais comuns na oralidade que na escrita e que o uso de marcadores de interatividade tem papel fundamental na construção de sentido no discurso do portador de afasia. Na conversação do dia-a-dia, amigos e familiares, ao se servirem deste recurso, obterão maiores resultados ao interagirem com o afásico.

Outra palavra enfaticamente destacada em (109) é “são”, que faz referência às notícias (gênero trabalhado na ocasião). Com entoação marcada pelo tom ascendente e contexto indagativo, o ouvinte foi convidado a interagir.

O que chama a atenção neste recorte é a iniciativa do sujeito afásico deste estudo, pois em meio a um grupo com outros afásicos participantes, é o primeiro a responder à interrogativa em (110).

3.1.2 Descrição e análise dos dados da escrita

A coleta dos dados da escrita foi feita em momentos de participação do sujeito da pesquisa no Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco e em encontros individuais na presença da pesquisadora, que também é fonoaudióloga.

A atividade de escrita não foi desenvolvida separadamente da fala. Os resultados foram apresentados separadamente por questões didáticas. Segundo Marculino e Catrini (2006), é importante trabalhar conjuntamente fala e escrita na prática clínica com pacientes afásicos, pois há uma tendência maior em contribuir para o processo de reabilitação. Dessa forma, a discussão aqui proposta considera a relação de contínuo entre fala e escrita, em que não é possível precisar o limite entre ambas, mas é possível garantir que a produção dos gêneros textuais descritos na discussão foi na modalidade escrita.

Igualmente às atividades da oralidade, os dados da escrita foram resultado de encontros com trabalhos desenvolvidos dentro de alguns domínios discursivos mais comuns ao dia-a-dia do sujeito com gêneros textuais que lhe fossem familiares. Os gêneros textuais foram selecionados a partir das demandas do sujeito, em algumas ocasiões e, em outras, dos seus interesses.

Os gêneros carta pessoal, orações/rezas e receita de culinária, embora trabalhados, não geraram conteúdo escrito porque o sujeito, frente à dificuldade de produção do material escrito, relutou e se deteve a falar. A receita de culinária, por exemplo, gerou uma longa atividade discursiva em que o sujeito forneceu todos os passos para o preparo de uma macarronada, mas não aceitou escrever nem com ajuda, como ocorreu em outras atividades.

“Cartas pessoais representam um gênero escrito com características situacionais relativamente orais” (BIBER, 1988, p.21), deste modo, não ter aceitado produzir este gênero foi incomum. A resistência talvez se deva a fatores emocionais vinculados ao pequeno número de relações com outras pessoas (amigos, familiares). Biber (1988) refere que este gênero depende altamente de partilhamento de contexto. Logo, a falta de vislumbre de um interlocutor e ausência de interesse em escrever para pessoas que a pesquisadora propôs (irmãs, cunhadas) também contribuíram para que não fosse produzido material escrito do gênero carta pessoal.

Quanto ao gênero orações/rezas, não há muito que acrescentar ao que foi dito. Embora não se saiba precisamente a razão da resistência do sujeito quanto à realização de alguns atividades, particularmente da escrita, sabe-se que a oposição parece estar relacionada com o contexto social em que o sujeito está inserido após a afasia. O número limitado de interlocutores e reduzida experiência, no caso, religiosa, podem ter influído na emissão de apenas uma reza (ave Maria), unicamente por via oral.

O gênero textual endereço postal, do domínio discursivo interpessoal, planejado vislumbrando o envio da carta pessoal, foi produzido com sucesso. A única informação que o sujeito precisou da ajuda para preencher foi o CEP postal, os demais dados foram satisfatoriamente escritos, apontando para a preservação da escrita automática. Na mesma ocasião, escreveu o nome de seus pais (falecidos) e de suas irmãs. O material escrito não será exposto neste trabalho para não comprometer a preservação da identidade do sujeito da pesquisa.

Gênero textual *história em quadrinhos*

A escrita do gênero textual história em quadrinhos, do domínio discursivo lazer, foi produzida pelo sujeito da pesquisa no encontro do Grupo de Afasia durante a primeira fase da coleta de dados.

Todos os afásicos do Grupo receberam um quadrinho semelhante e, mediante um contexto de informações sobre o gênero a ser trabalhado, foram orientados a olhar a imagem e escrever uma história. O sujeito da pesquisa produziu a escrita que é observada na Figura 01.



Figura 01 – História em quadrinhos.

Conforme achados na Figura 01, o sujeito afásico apropria-se de sinal de pontuação, especialmente interrogação, para representar as falas da personagem do quadrinho por vias do texto escrito. Como a escrita alfabética em si não consegue representar detalhes determinantes do sentido como faz a fala, é necessária a existência de representações de características prosódicas e paralinguísticas na escrita por meio dos sinais de pontuação para contribuir com o ato de gerar sentido (Olson, 1997).

Ao usar, no ato da escrita, o recurso prosódico por via da pontuação, o sujeito desta pesquisa revela intenção comunicativa, além de demonstrar não ter perdido o domínio ou a capacidade de uso da língua. A marcação de pontuação interrogativa em todos os balões pode não ser adequada, mas indica que o sujeito sentiu a necessidade de acrescentar ao texto algo mais que palavras, pois a expressividade das imagens da personagem traz essa demanda.

A pontuação de interrogação usada no texto equivale ao contexto indagativo descrito por Brazil (1985). Os tons ascendentes e descendente-ascendentes usados nesse contexto fazem referência a conhecimentos compartilhados. O contexto da atividade permite fornecer a informação que realça a partilha de conhecimento, pois a cena do quadrinho foi discutida oralmente entre todos os sujeitos participantes do Grupo de Afasia e na sequência houve a produção escrita.

No seguimento de quadrinhos escrito observa-se, além das correções gráficas, uma correção que pode ser tomada com reformulação, quando escreve “compute” e, no balão seguinte, “computador”. Essa reformulação se assemelha às correções comuns ao discurso oral em que o sujeito hesita, corrige e reformula a maneira com vinha dizendo para se fazer compreender melhor.

Outro ponto importante a destacar é que o gênero história em quadrinhos é um gênero que demanda maior envolvimento do escritor com seu interlocutor, pois as palavras que preenchem os balões não representam a escrita da personagem. As palavras nos balões são representação da oralidade ou do pensamento, que não é o caso, pois este último é representado em um tipo diferente de balão. Assim, como no texto falado, a intenção do falante viabiliza sentido que é captado pelo ouvinte mediante o contexto (OLSON, 1997).

É correto afirmar que a produção da história em quadrinhos pelo sujeito afásico contém pistas prosódicas caracterizadas pelas marcas de sua oralidade na escrita conforme as que foram verificadas por Marinho (2008) em seu estudo com sujeitos afásicos. O indício característico da linguagem oral do sujeito é a fala fragmentada apoiada na seleção lexical de palavra-chave dotada de grande carga significativa.

Gênero textual *diário pessoal*

Na Figura 02, visualizam-se fragmentos relativos ao registro das atividades pessoais de dois dias não consecutivos, escrito pelo sujeito da pesquisa em ocasião da segunda fase da coleta dos dados. A confecção do diário pessoal foi proposta pela pesquisadora em encontro individual com o sujeito.

Uma vez que sente dificuldade e, frequentemente, recusa-se a escrever, a esposa do afásico, mesmo com seus afazeres, acatou a atividade e se

comprometeu em ajudá-lo em mais essa tarefa diária de registrar alguns eventos passados no seu dia-a-dia.

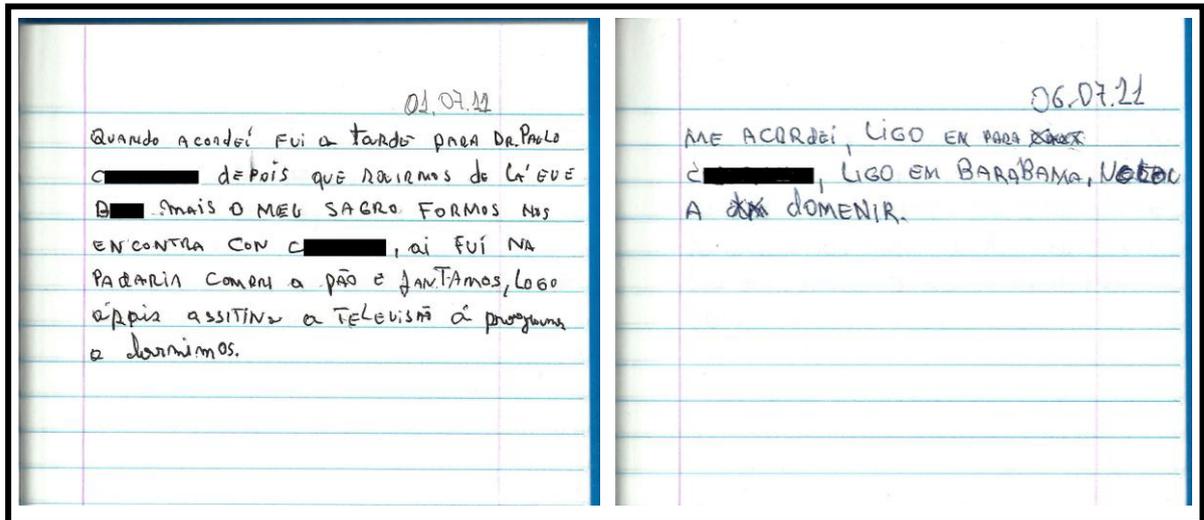


Figura 02 – Diário pessoal.

Na página do lado esquerdo da Figura 02 consta o relato de um dia vivenciado pelo sujeito. Para este relato houve o auxílio ou da esposa ou da cuidadora, não se sabe ao certo. Antes da confecção do diário, nem a esposa nem a cuidadora foram orientadas como deveriam ajudar o afásico na realização da tarefa diária. Segundo informações concedidas pelo próprio afásico, a ajuda consistia em fazê-lo copiar, de uma folha de papel, acontecimentos vivenciados. Com a melhor das intenções, a ajuda não era adequada, considerando que, segundo Santana (2002), a prática de fazer cópias ou escrever ditados infantiliza e reduz o afásico àquele que não sabe escrever.

Passado algum tempo, após relato de alguns dias, foi verificada uma articulação escrita não condizente com outras atividades de escrita previamente desenvolvidas. Assim, cuidadora e esposa foram instruídas a incentivar o afásico a, em um momento do dia, fazer sua tarefa diária de escrever. Também poderia auxiliá-lo tirando a dúvida caso se prendesse a algum “erro” no ato da escrita.

Do lado direito da Figura 02, que será objeto do estudo, é possível observar um dos relatos feitos na presença da pesquisadora, o qual serviu de modelo para os registros seguintes. Nesse registro, feito no período da manhã, o sujeito oralizou sua pretensão em escrever “me acordei, liguei para C (esposa), tomei vitamina de banana e voltei a dormir”.

Primeiramente, as marcas linguísticas, como data no canto superior direito da página e uso do verbo na flexão para primeira pessoa do singular, revelam que o sujeito, mais do que escrever sobre suas atividades diárias, trabalhou dentro da proposta de confecção do gênero diário pessoal.

Sobre a flexão verbal, observa-se a sequência: “acordei”, verbo no tempo passado na primeira pessoa do singular; “ligo”, “ligo”, primeira pessoa do singular do presente e, “voltou”, terceira pessoa do singular do passado. Nas três primeiras flexões verbais, o sujeito se reconhece, portanto, aproximando-se do interlocutor. Outro dado que permite inferência é que “ligo” remete a uma atividade constante (cf. informações concedidas pela esposa), daí o verbo no presente. Essas características gramaticais, se analisadas à luz do contexto, viabilizam parte do sentido do enunciado. Segundo Olson (1997, p.108), “o tom e o contexto veiculam sempre parte do sentido da enunciação”.

No relato diário do dia 06.07.2011, o sujeito fez uso de pontuação (final), a qual aponta para tons descendentes e tons ascendente-descendentes, que são tons proclamadores e apontam informações novas. Usa também vírgulas, as quais marcam pausas, que equivalem às pausas na fala, descritas por Brazil (1985). Na TIE, as pausas marcam as unidades tonais. A relação estabelecida correlacionando os achados com a Teoria de Brazil (1985) recebem o apoio de Biber (1988). Para o autor, a escrita é marcada por unidades tonais mais longas e por maior número de informações novas do que na fala. Para Olson (1997), os sinais de pontuação configuram-se como características prosódicas que contribuem para o sentido do texto.

Gênero textual *palavras cruzadas*

Antes de tudo, cabe salientar que a revista de palavras cruzadas pertencente ao sujeito do estudo, usada no dia-a-dia para passar o tempo e treinar a escrita, foi gentilmente cedida para ser escaneada e usada neste estudo. Esse gênero não foi trabalhado em atividades de grupo nem em atividades individuais. Foi de livre e espontânea vontade que durante a primeira fase de coleta de dados o sujeito trouxe o material pessoal e apresentou à pesquisadora.

Há sérias ressalvas e críticas concernentes ao tipo de material que se apresenta para o trabalho com afásico, porque familiares e mesmo terapeutas têm a

tendência em usar materiais sem considerar a idade e competências do paciente. No trabalho com afásico, não há o que ensinar, pois o sujeito já tem uma competência textual discursiva (MARCUSCHI, 2008), faltando apenas trabalhar a organização dessa competência alterada pela afasia.

Outro item que deve pesar para que um terapeuta mais atento não ofereça material com desenhos infantis para qualquer afásico adulto é a barreira que isso pode criar, uma vez que, pela afasia, já existem questões subjetivas circundando a relação do sujeito com a linguagem.

Ainda outra crítica sobre o material da Figura 03 é que a atividade requer um tipo de habilidade comprometido na afasia, a nomeação. Conforme relato de Murdoch (1997), a nomeação está afetada principalmente nos sujeitos que têm o tipo de afasia de Wernicke, os quais apresentam a compreensão gravemente comprometida. Por ser um sintoma da afasia, a anomia pode suscitar uma conotação de dificuldade na atividade escrita e, por conseguinte, gerar perda de interesse do sujeito para com a modalidade escrita da língua. Ainda que sejam realizados trabalhos com nomeação, é preciso que estes sejam contextualizados.

O material das palavras cruzadas foi exposto, primordialmente, por todas as considerações descritas até o momento, não tanto por peso de questões prosódicas.

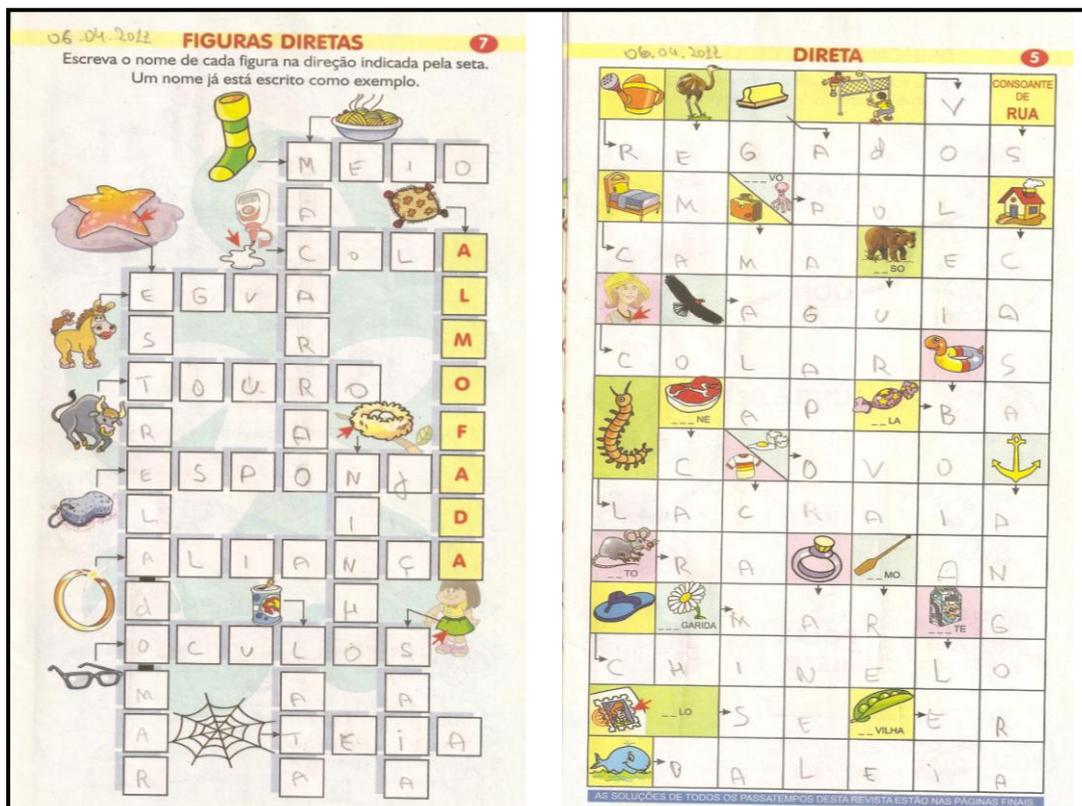


Figura 03 – Palavras cruzadas.

Sob o ponto de vista prosódico, é possível afirmar que o gênero textual palavras cruzadas, conforme Figura 03, é pobre. Ditados, preenchimento de espaços com palavras diretas (com é o caso), palavras isoladas etc. não permitem verificar recursos prosódicos constatados em uma escrita contínua. Mesmo que a continuidade não seja muito linear, a associação ao contexto e a contribuição da fala no ato da escrita favorecem a identificação e análise de pistas entoacionais. Marculino e Catrini (2006) descrevem a importância do trabalho conjunto entre fala e escrita na prática clínica com pacientes afásicos como favorecedora do processo de reabilitação.

As pistas que mais se aproximam de características prosódicas são as correções. Ao escrever, na Figura 03, as palavras “touro” (figura da esquerda) e “águia” (figura da direita), o sujeito cometeu algum erro na grafia que o levou a apagar e reescrever as palavras. Essas correções estão mais associadas ao tipo de texto que à velocidade de escrita. Assim, esse tipo de reformulação admitida no texto escrito, por sua velocidade ser mais lenta, não pode ser considerada uma hesitação mas um erro de grafia que posteriormente foi autocorrigido.

Gênero textual *anúncio escrito*

Parte (lado esquerdo) da escrita do gênero textual *anúncio em revista* ou *jornal* do domínio discursivo publicitário foi produzida pelo sujeito da pesquisa no encontro do Grupo de Afasia durante a primeira fase da coleta de dados e, outra parte (lado direito), em encontro individual na segunda fase da coleta de dados.

O trabalho com o domínio publicitário, no Grupo de Convivência de Afásicos, resultou em produção oral (cf. Transcrições 04 e 05) e em produção escrita no mesmo encontro. Para confecção escrita da parte do anúncio feita em grupo, os afásicos escolheram uma, dentre as várias figuras apresentadas para eles. Para a escrita do anúncio em encontro individual, a pesquisadora entregou uma folha de papel com a imagem de um cachorro com características similares a um de seus animais de estimação.

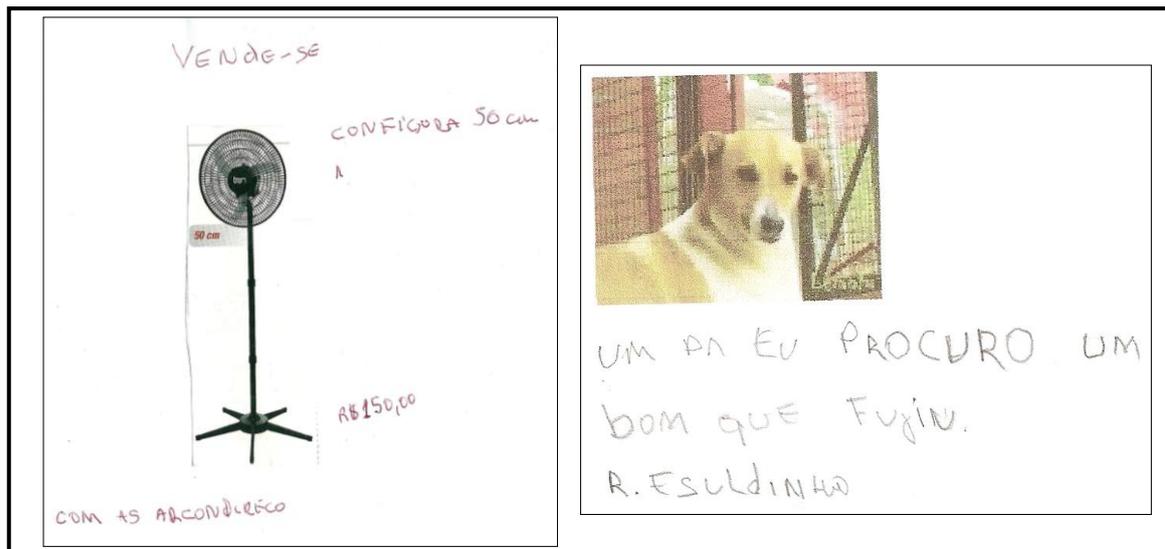


Figura 04 – Anúncio em revista ou jornal.

Ao analisar descontextualizadamente a parte do lado esquerdo da Figura 04, talvez não fosse percebida a intenção do escritor tão marcada no texto como verificada depois de uma análise vinculada ao contexto. Além da compreensão e apropriação do gênero trabalhado, a intenção de anunciar o produto é bem marcada pela expressão “vende-se”, pela descrição do produto e pelo valor.

Lacerda (1993 *apud* SANTANA, 2002) refere que, durante o processo de aquisição da linguagem, a oralidade gera uma reflexão que atingirá a construção da escrita. A atividade oral, prévia ao trabalho com escrita, justifica a ausência de construção frasal e de conectivos no anúncio. Na fala, o sujeito apresentou pistas entoacionais marcantes para a captação do sentido. Na escrita, basicamente as pistas mais determinantes do sentido foram apontadas (vende-se, R\$ 150,00).

Sobre a relação do texto escrito com a imagem apresentada nos dois anúncios, nem no fragmento escrito do lado esquerdo da Figura 04, nem no fragmento do lado direito existe a palavra escrita referente ao que se quer anunciar, porque a figura, como elemento paralinguístico no texto escrito, segundo Marcuschi (2005), se une ao texto com a finalidade de chamar mais atenção que a escrita. No caso do gênero textual anúncio, a presença do elemento paralinguístico representada pela imagem do ventilador e pela imagem do cachorro faz com que o sujeito considere desnecessária a escrita da palavra, o que se configuraria como redundância.

O anúncio apresentado do lado direito da Figura 04 é marcado pela construção frasal encerrada pelo ponto final, característica a enunciados de cunho informativo (BRAZIL, 1985). Os tons ascendente-descendentes e descendentes, inerentes ao contexto narrativo com cunho informativo, são tons que estão vinculados à proclamação de informações novas. A pontuação utilizada, portanto, é condizente com o contexto e manifesta-se como pista entoacional dotada de sentido.

No início do anúncio do lado direito, visualiza-se a escrita da expressão “um pa”. Esse trecho de escrita configura-se como uma correção, a qual está associada à velocidade de escrita que, por ser mais lenta, admite que o escritor faça reformulações que, se forem apagadas, não permitem ao leitor conferir as hesitações no texto escrito (BIBER, 1988), como se observa no discurso oral. Logo, é possível inferir que esse tipo de ajuste feito pelo sujeito afásico representa a hesitação na fala que, na Teoria de Brazil (1985), está vinculada a tons neutros, e, portanto, faz referência à organização sintática.

O uso do pronome pessoal “eu” assinala a proximidade do sujeito que escreve ao seu interlocutor. Contrário a isso, textos escritos em voz passiva são associados com descontextualização ou distanciamento (BIBER, 1988).

Assim, é correto afirmar que o anúncio escrito, apresentado na Figura 04 do lado direito, é resultado da produção de um sujeito que se aproxima do interlocutor com a pretensão de transmitir uma informação nova, depois de ter reorganizado a maneira de dizer o que pretendia.

Gênero textual *recado/bilhete*

A Figura 05 é a apresentação do rascunho e da escrita definitiva de um bilhete romântico do sujeito afásico do estudo para sua esposa. A atividade escrita foi realizada em encontro individual durante a segunda fase da coleta de dados. Esta atividade, em especial, como outras atividades realizadas dentro dos moldes de um gênero textual comum à prática diária do sujeito, foi bem aceita, e se verifica uma pequena quantidade de caracteres escritos.

Aquele que não sabe ler nem escrever é nomeado pela sociedade de analfabeto e, segundo Santana (2002), um analfabeto é considerado inferior, frente à sociedade letrada, porque há um estigma de que quem sabe ler/escrever é eloquente no falar. Esta concepção afeta os afásicos diretamente, que se sentem

discriminados por não conseguirem ler e/ou escrever, como o faziam antes do AVC, como “todo” sujeito faz. Agora, afetados por uma “doença”, sentem-se ainda pior frente à imagem de incapacitados para retomar a prática da escrita (SANTANA, 2002). Portanto, para uma boa proposta terapêutica, envolvendo a escrita do afásico, enquanto prática discursiva, é necessário considerar aspectos como subjetividade, dialogismo e trabalho linguístico.

A escrita de uma única frase para a elaboração do bilhete é resultado de uma atividade contextualizada, marcada pelo fator motivacional de que a função da escrita de escrever para ser lido seria atingida. O sujeito foi instruído a escrever previamente em uma folha de papel para, posteriormente, passar o conteúdo escrito para o cartão e, então, escrever no envelope o nome do destinatário e do remetente.

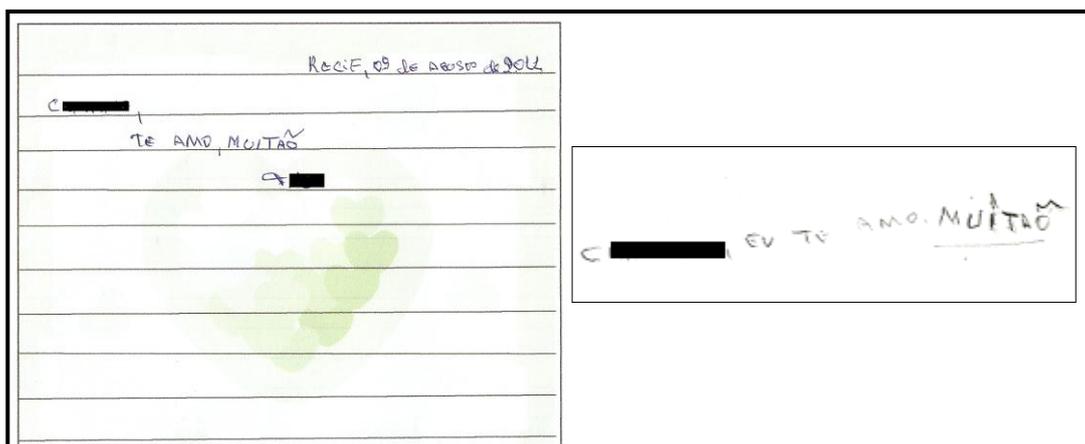


Figura 05 – Recado/bilhete.

Marcuschi (2002), com base no princípio do dialogismo, defende que o sujeito, ao escrever/falar, pressupõe um leitor/ouvinte. Esse fator, que constitui um avanço no estudo da linguagem, também foi determinante para a produção textual do sujeito, pois, inicialmente, escreveu o bilhete sem cuidado com a forma característica ao gênero, mas, ao reescrever, o fez seguindo a forma e a função do gênero proposto com a finalidade de interagir com seu interlocutor, no caso, esposa. A forma do gênero trabalhado está marcada pelo local e data no canto superior do bilhete, pelo nome do destinatário antes do bilhete e pela assinatura do escritor ao final. A função de comunicar estabeleceu-se quando destinou o recado à esposa.

O uso de vírgulas referentes a pausas rápidas em um texto escrito relaciona-se às pausas que marcam a unidade tonal da Teoria de Brasil (1985). A ausência de pontuação no final não permite inferir o tom usado pelo sujeito.

O sublinhado na palavra “muitão”, no rascunho disposto à direita da Figura 05, não faz referência a destaque ou, nas palavras de Brasil (1985), à proeminência, haja vista que a linha subscrita foi feita pela pesquisadora com a finalidade de facilitar, para o sujeito, o acompanhamento visual do texto na ocasião de passar a limpo para o cartão sua própria produção escrita.

Gênero textual *convite*

A proposta para a elaboração do convite foi uma das primeiras atividades feita em encontro do Grupo de Afasia durante a primeira fase da coleta de dados. Na circunstância, alguns afásicos sentiram muita dificuldade em confeccionar o convite porque a elaboração não estava relacionada a um evento imediato e real.

Alguns afásicos relacionaram o assunto do convite às notícias discutidas momentos antes da proposta. Como nos primeiros minutos de todos os encontros do Grupo, os afásicos comentam uma variedade de notícias passadas nos meios de comunicação desde o último encontro. Houve convites voltados para diversos assuntos diferentes. O sujeito deste estudo elaborou um convite relacionado ao seu time de futebol do coração, o Santa Cruz, e o direcionou a si próprio (cf. “seu F” escrito no texto).

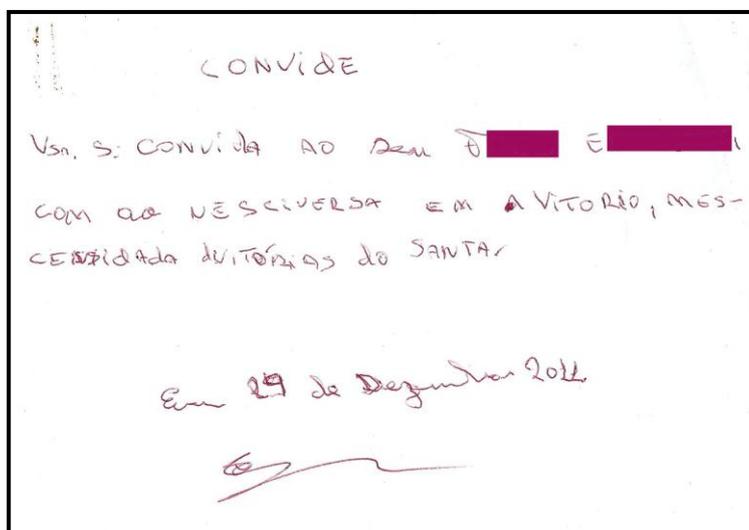


Figura 06 – Convite.

Em mais uma proposta, percebe-se a identificação da forma do gênero quando o sujeito escreve a palavra “convide”, almejando escrever “convite”, no centro superior do papel e, ao final do convite, determina a data do evento “em 29 de dezembro de 2011”.

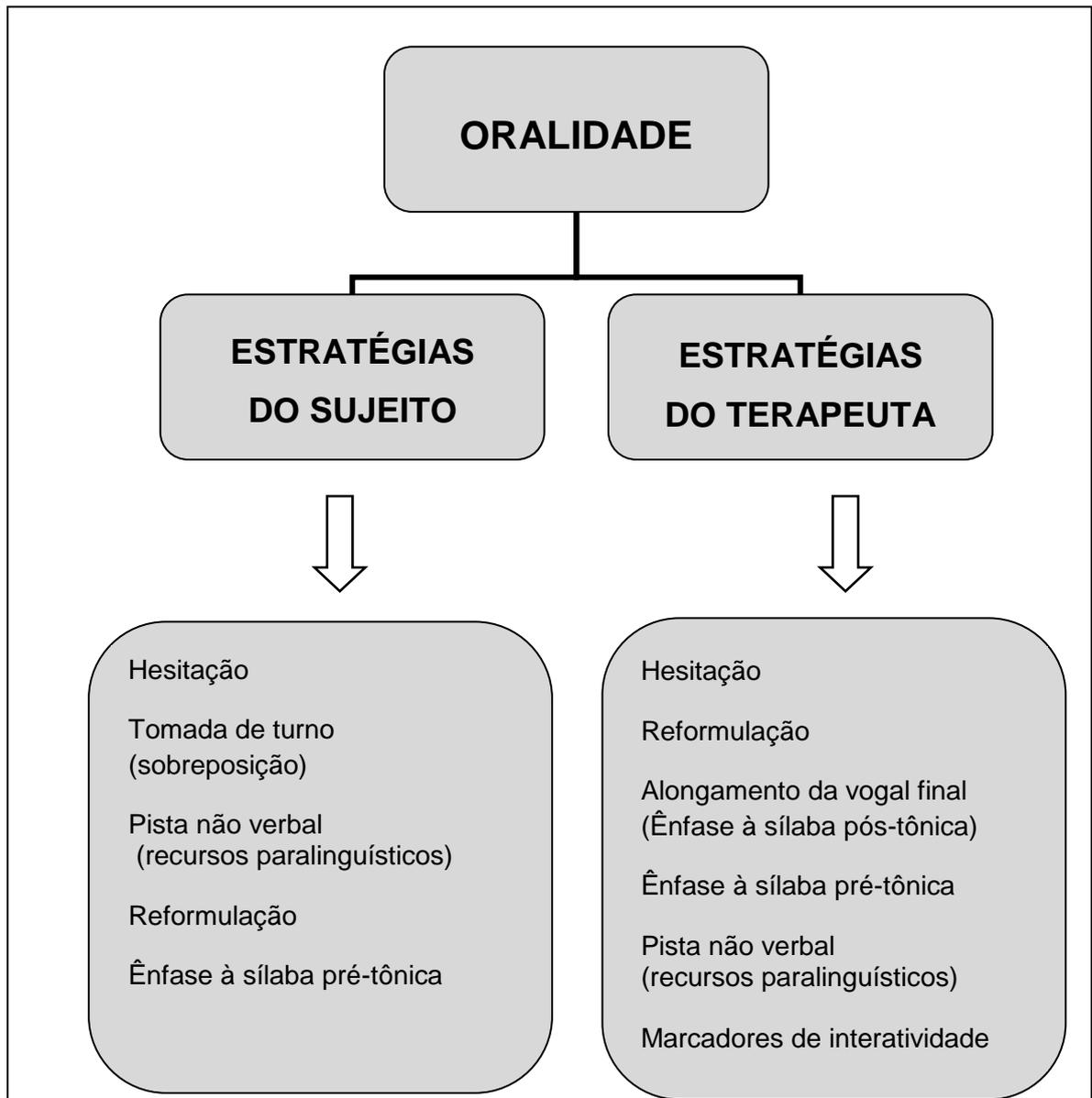
Ao escrever a palavra “convide”, o sujeito comete um “erro”, em sua escrita, comum ao processo de aquisição de linguagem escrita da criança. A troca do fonema “t” pelo fonema “d”, “erro” por apoio na oralidade, é definida como troca de grafemas cujos fonemas se diferenciam quanto ao traço de sonoridade. Logo, é verdadeiro afirmar que, no processo de reorganização de linguagem, assim como no processo de aquisição, a escrita sofre interferências da oralidade.

Além do “erro” descrito em *convide*, há outros “erros” idiossincráticos na superfície do texto. Do ponto de vista de Marcuschi (2008 p. 64), há uma distinção entre letramento e escrita. Letramento “seria a prática social de uso diário da escrita em eventos comunicativos”, por outro lado, escrita “seria a forma de manifestação do letramento enquanto atividade de textualização”. Embora não seja intenção o apego a essas nuances, é importante considerar que o sujeito deste estudo tem grau de letramento que o move a estranhar a própria escrita pela percepção do erro. Isto fica claro quando questiona o interlocutor sobre o possível “erro” na grafia das palavras.

No convite, escrito na Figura 06, há apenas duas vírgulas marcadas em todo o texto. Se essas vírgulas forem tomadas como pausas determinantes da unidade tonal, as unidades descritas no convite são condizentes com a afirmação de Biber (1988) de que, na escrita, as unidades tonais são mais longas.

3.2 Sistematização das estratégias entoacionais em categorias na (re)organização da linguagem do afásico

Quadro 03 – Esquema das estratégias entoacionais analisadas na oralidade.



As estratégias entoacionais investigadas na oralidade do sujeito afásico, discutidas no item 3.1.1 e apresentadas no Quadro 03, podem ser visualizadas na sistematização exposta no Quadro 04.

Quadro 04 – Sistematização das estratégias entoacionais do sujeito apresentadas na discussão.

ESTRATÉGIAS ENTOACIONAIS	Nº DO FRAGMENTO	UNIDADE(S) TONAL(S)
Hesitação	(06)	/ Vlge maRla / TAva MULto / muito fil / fil / filMAdo /
	(09)	/ EU Acho / que FOI / eu NUM SEi / eu num / eu num / pens / PENsei / que Era TIgo / era anTIgo/ / no no / no mo / no MOviMENto /
	(16)	/ êh / ele / PArece / quele / que / que nUM TEM / ISso aQUI /
	(22)	/ o carnaVAI / que / VAi SEr / no / na / na / na PLANta /
	(50)	/ fê / ficou o / meu soBRInho / MORte / MORte / MORte //
	(55)	/ EU / e / e / a pa / a pesSOa aQUI /
	(85)	/ quer / quer SUco de caJU /
	(89)	quer / quer / QUER SUco /
	(93)	/ NÃo / não tem / tem / TEM época do Ano / que é / que é MAis FRlo //
	(95)	/ caFÉ / a / é / a / LEite / e / ba / baNAna COM / é / COmo É meu deus / COmo É /
(110)	/ presi / presiDENte morREU //	
Tomada de turno (sobreposição)	(08)	/ Era /
	(20)	/ se / se voCÊ / vai apresenTAr / O CARnaval /
	(26)	/ foi /
	(30)	/ DEz reAis /
	(46)	/ MORte / FOi /
Pista não verbal (recursos paralinguístico)	(06)	/ Vlge maRla / TAva MULto / muito fil / fil / filMAdo / (Sorriso)
	(11)	/ é / caREca / [Sinalizando com as mãos, a região do queixo (barba)].
	(16)	/ êh / ele / PArece / quele / que / que nUM TEM / ISso aQUI / (Aponta para seu próprio braço)
	(85)	quer / quer SUco de caJU / (Dirige o olhar para a terapeuta ao questionar)
Reformulação	(13)	/ p caREca / r caREca /
	(44)	/ O foi / p TEve a MORte / 0 morte /
	(16)	/ êh / ele / PArece / quele / que / que nUM TEM / ISso aQUI /

Ênfase à sílaba pré-tônica	(20)	/ se / se voCÊ / vai apresenTAr / O CARnaval /
	(24)	/ e no CARnaval / vai / VAi cheGAR / o carnaVAL /

A hesitação, fenômeno que ocorre quando há uma dificuldade inconsciente de seleção metafórica, é comum aos falantes em geral e, em especial, aos afásicos, pois faz parte do ato de organização da linguagem para produção oral (MARCUSCHI, 2006). O alto índice de ocorrência da hesitação no discurso do afásico, apresentado no Quadro 03 é característico da desorganização de linguagem advinda com a lesão neurológica. Na TIE, a hesitação é considerada como inerente à organização sintática, marcada pelo tom neutro. Logo, é viável considerar que a hesitação é uma das estratégias entoacionais mais usadas pelo sujeito, a qual tem papel importantíssimo na organização de seu discurso.

A hesitação, na maioria das ocasiões, deu condições para que o afásico tivesse a capacidade de manter seguro o turno conversacional. Esse tipo de hesitação, identificado como pausa preenchida, é comum a falantes que têm dificuldade em manter o turno por serem menos fluentes (MARCUSCHI, 2006). A dificuldade de fluência do afásico o levou a desenvolver uma estratégia que beneficie a continuidade de seu discurso.

Outra estratégia entoacional usada pelo afásico da pesquisa é a de tomada de turno, marcada por padrão entoacional com tom descendente característico da proclamação de informação nova. Este padrão entoacional de sobreposição à fala do interlocutor pode estar associado à tentativa do afásico de não se perder no contexto narrativo e, por sua dificuldade de nomeação, não perder a palavra que está “na ponta da língua”. Assim como na hesitação, a tomada de turno são estratégias que se interrompidas pelo interlocutor, podem desfavorecer a comunicação do afásico, levando-o a desorganizar o conteúdo de sua fala.

As pistas não verbais, reconhecidas como recursos paralinguísticos foram verificadas em quatro recortes, sendo que, em dois deles, o afásico o utilizou em face da dificuldade de nomeação, em lugar da palavra que deveria ser falada. Esse é um recurso bastante utilizado quando há a dificuldade de selecionar a palavra adequada ou quando não se consegue nomear. Os recursos paralinguísticos são frequentemente, tomados pelos sujeitos como auxiliares ao seu discurso, uma vez

que sentem muitas dificuldades na transmissão de algumas palavras e expressões, pela dificuldade de nomeação. A pequena ocorrência do recurso paralinguístico, nesse caso, provavelmente está relacionada ao pequeno grau de dificuldade do sujeito em nomear, mesmo assim, é perceptível sua apoderação do recurso para produção de sentido do enunciado.

Os trechos de recortes da reformulação descritos no Quadro 04 estão precedidos pelo símbolo em negrito indicativo do tom. Em (13), por exemplo, a mesma palavra é pronunciada, primeiro em tom descendente e, logo em seguida, em tom descendente-ascendente, indicando que o contexto partiu de narrativo para indagativo. A reformulação, considerado o contexto, é indicativa de que o sujeito captou o sentido do enunciado precedente, além de ter servido como *feedback* para que o interlocutor percebesse que foi compreendido e desse prosseguimento à conversação.

Segundo a TIE, a escolha da sílaba proeminente não está diretamente relacionada à gramática, mesmo que haja uma maior tendência em escolhê-la a partir da relação com a sílaba tônica. Logo, sem desconsiderar a gramática, Brazil (1985) abre margem para que os falantes façam escolhas pessoais quanto aos padrões entoacionais. Dentre as estratégias entoacionais usadas na produção oral, o sujeito deste estudo deu ênfase à sílaba pré-tônica. A proeminência não coincidente com a sílaba tônica, em todos os casos, serviu para destacar uma palavra que trazia a ideia de dúvida quanto a sua utilização ou do contexto em geral. Em termos gerais, o afásico, usou este recurso para, de maneira implícita, apontar sua dificuldade em termos de produção oral pela desorganização de linguagem inerente à afasia.

O sujeito do estudo utilizou algumas estratégias que determinaram seu padrão entoacional e contribuiu para sua organização de linguagem. A terapeuta, por sua vez, também se utilizou de estratégias para beneficiar a atividade comunicativo-interativa com o afásico. As estratégias entoacionais da terapeuta para reorganização da linguagem do afásico associadas ao Quadro 03, são sistematizadas no Quadro 05.

Quadro 05 – Sistematização das estratégias entoacionais da terapeuta para reorganização da linguagem do afásico apresentadas na discussão.

ESTRATÉGIAS ENTOACIONAIS	Nº DO FRAGMENTO	UNIDADE(S) TONAL(S)
Hesitação	(05)	/ e de / e de / MOto /
Reformulação	(14)	/ p BARba é / r TEM BARba é /
	(86)	/ p Eu / r+ Eu /
Alongamento da vogal	(45)	ESsa / NÃão /
Ênfase à sílaba pós-tônica	(103)	// é uma fruTA / um POuco avermeLHAda / por FOra /
Ênfase à sílaba pré-tônica	(03)	se viESse / de B icicleta
	(17)	/ hum / Ele paREce / que não TEM o moviMENTo / / do BRAço É / PERAI / DEixa eu PEN sar / quem É / ...
	(19)	// GENTE oh / VAmo aGOra / / prestar atenÇÃO NEle / Ele vai a PRE sentar /
	(29)	/ enTÃo / QUANTo É / ESse venTIlador / / eu QUERO S Aber /
	(38)	/ voCÊS QUERem / V ENDER as COisas / NÃO é /
	(105)	/ V ERmelha / NÃo / verMElha / DESsa COr aqui óh / / POr FOra /
Pista não verbal (recursos paralinguístico)	(17)	/ hum / Ele paREce / que não TEM o moviMENTo / / do BRAço É / PERAI / DEixa eu PENsAr / quem É / / AGOra / Vlu / ele TEM / dificulda / ah / eu SEi quem É / (sorriso) / é seu / F / SEu F /
	(97)	/ TEM que saBER / com Lla / NÉ / (sorriso)
	(105)	/ VERmelha / NÃo / verMElha / / DESsa COr aqui óh / (apontando) POr FOra /
	(107)	/ aCERtou / óh aQUI / (mostrando a palanvra)
	(109)	// e enTÃo GENTE / as noTÍcias / da seMAna / SÃO / (sorriso)
Marcadores de interatividade	(01)	// enTÃo / VAmos penSAR / se o seNHOR / / viESse à PÉ / num Era piOR /
	(19)	// GENTE oh / VAmo aGOra / / prestar atenÇÃO NEle / Ele vai a PRE sentar /
	(25)	/ O lhe / VAmo LÁ / ISso AÍ / tamBÉM / no carnaVAI / / foi imporTANTE FOi / ISso AÍ /
	(29)	/ enTÃo / QUANTo É / ESse venTIlador / / eu QUERO SAber /
	(97)	/ TEM que saBER / com Lla / NÉ /
	(109)	// e enTÃo GENTE / as noTÍcias / da seMAna / SÃO /

Através dos dados organizados no Quadro 05, é possível perceber uma maior variedade de estratégias entoacionais na fala da terapeuta do que na fala do afásico. Esse maior número de estratégias entoacionais deve-se ao fato de que, na terapêutica do afásico, a proposta tem como objetivo favorecer a reorganização de linguagem do sujeito e, para tanto, alguns recursos precisam ser utilizados para auxiliar na interação.

Os achados revelam que houve apenas um fragmento de recorte em que foi verificada a hesitação da terapeuta. A hesitação, que desempenha grande papel na organização da linguagem, não oferece grandes contribuições no processo de reorganização da linguagem. Assim, essa baixa ocorrência é positiva, pois inerente a organização discursiva, é comum a qualquer falante, mas esse recurso não deve ser usado por terapeutas ou familiares com o propósito de auxiliar o afásico, porque em nada o beneficiam. Esse recurso é favorecedor quando usado pelo próprio afásico durante sua organização de pensamento para produção oral/escrita.

A reformulação apresentada em dois fragmentos no Quadro 05 foi usada para dar outro tom à unidade tonal precedente. Usadas as mesmas palavras em contexto narrativo e, na sequência, em contexto indagativo, a reformulação propiciou a continuidade da conversação. A variação entoacional, caracterizada na reformulação, aponta a relevância da prosódia sobre o conteúdo gramatical e a necessidade de trabalho conjunto com estes componentes na clínica fonoaudiológica, pois, dentre outros aspectos, a inflexão de voz é fator importante para revelar nuances que determinam diferentes sentidos a uma mesma palavra proferida no mesmo discurso (SAUSSURE, 1997). Para a reorganização de linguagem, a reformulação serve para conduzir a atividade comunicativa, dando novo sentido a enunciado previamente proferido.

A entoação marcada por proeminência não coincidente com a sílaba tônica teve alta recorrência no discurso da terapeuta. Para Brazil (1985) As escolhas entoacionais feitas pelos falantes com a finalidade de interação vão determinar diferentes padrões entoacionais. A ênfase à sílaba pós-tônica, portanto, não é uma escolha idiossincrática, pois na TIE essa é uma escolha possível que tem grande valor comunicativo e interacional, bem como, a ênfase dada à sílaba pré-tônica, também bastante destacada pela terapeuta. Outra estratégia entoacional foi o alongamento vocálico, que segundo Marcuschi (2006), também é um componente que serve para dar ênfase.

Uma das funções interacionais dos padrões entoacionais no discurso é o de organização, que está relacionado à maneira como os falantes manipulam os tons (BRAZIL, 1985). O padrão entoacional da terapeuta, com proeminências não coincidentes com a sílaba tônica, contribuiu para direcionar sentido, pela ênfase em palavras que de alto valor comunicativo que, geralmente, faziam referência ao assunto tratado. Esta estratégia é favorecedora ao processo de reorganização de linguagem do sujeito afásico porque direciona o assunto tratado e lhe permite decodificar porções do enunciado que contribuirão para sua compreensão.

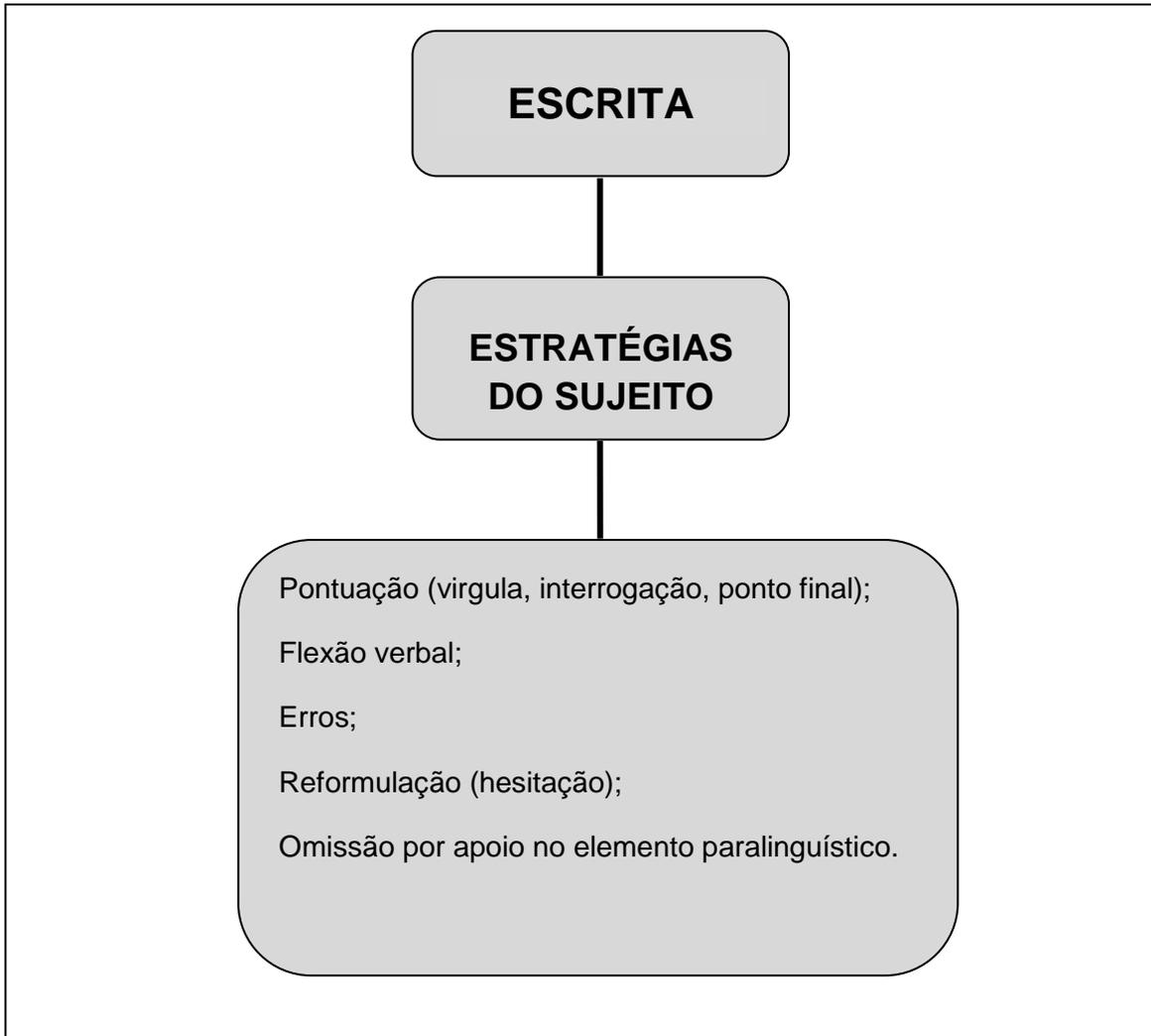
As pistas não verbais de apontar, mostrar algo e sorrir servem como facilitadoras do contexto comunicativo, pois fornecem, para o afásico, elementos para a construção de sentido do discurso, que não se limitam apenas a dados da fala. Os recursos paralinguísticos como gesto, olhar etc. tem forte componente de intencionalidade e, no caso, serviram para aproximar terapeuta e paciente e permitiram, no caso do sorriso, captar através do olhar a confirmação do que vinha sendo falado e a compreensão para dar prosseguimento ao discurso. Nos estudos de Marinho (2008) é possível visualizar que a associação dos componentes paralinguísticos e prosódico maximizaram a organização de linguagem do afásico, pois foram por eles tomadas, e também contribuíram para a reorganização por facilitarem a interação, semelhantemente como o estudo de caso tratado aqui.

A alta ocorrência dos marcadores de interatividade verificados na fala da terapeuta foi razão para dar-lhes um espaço no Quadro 05. Conquanto não sejam conceitos próprios da TIE, os marcadores de interatividade são expressões que caracterizam a interação entre interlocutores (MARCUSCHI, 2002), portanto, são pertinentes de serem analisados à luz da TIE. Moura (2009), em estudos relacionados à organização discursiva do afásico, percebeu que os marcadores de interatividade são mais comuns na oralidade dos sujeitos e, que ocorrem em momentos de interação nas circunstâncias em que haja interlocutor real ou projetado. Concluiu, portanto, que o uso de marcadores de interatividade tem papel fundamental na organização e construção de sentido no discurso do portador de afasia. Não diferentemente, os achados revelam que os marcadores de interatividade, usados pela terapeuta, na maioria dos casos, nas atividades em grupo, tiveram a função de chamar o interlocutor (afásico) a interagir e, como resposta, o contexto revela que serviram de facilitadores para a reorganização de

linguagem do sujeito afásico, como pode ser verificado, dentre outros trechos, no recorte 12 no trecho (110), com a resposta imediata do sujeito da pesquisa.

Como na oralidade, a escrita do afásico também foi marcada por estratégias entoacionais, conforme se observa no esquema exposto no Quadro 06.

Quadro 06 - Esquema das estratégias entoacionais analisadas na escrita.



Diferentemente da sistematização dos dados da oralidade, os dados da escrita permitirão apenas a esquematização da discussão apresentada no item 3.1.2 tecida por algumas reflexões discutidas em categorias.

O uso de pontuação (vírgula, interrogação, ponto final), a flexão verbal e os “erros” de escrita são componentes não foram nesse estudo investigados puramente à luz da gramática, embora esta tenha sido o ponto de partida para a investigação prosódica da escrita do afásico. A pontuação na escrita, por exemplo, foi associada aos diferentes contextos marcados pelos diferentes tons aplicados a enunciados na

fala. Os pontos de interrogação foram associados a contextos indagativos que, conforme a TIE são representados por tons descendente-ascendentes e ascendentes. O ponto final aponta para tons descendentes e ascendente-descendentes, que são tons proclamadores de informação nova e estão inseridos em contextos narrativos. A Vírgula foi relacionada a pausas na fala que, na Teoria de Brazil (1985), marcam as unidades tonais. Toda esta associação da pontuação vinculada a marcas entoacionais é apoiada por Olson (1997) que, considera os sinais de pontuação características prosódicas que servem para dar sentido ao texto.

Os verbos usados em uma mesma frase, com diferentes flexões, foram analisados segundo o contexto, o que possibilitou atribuir determinado sentido ao enunciado e, não considerar como erro. Os “erros” tratados neste estudo são aqueles relacionados ao processo de aquisição da linguagem escrita como, por exemplo, o de troca de grafemas cujos fonemas se diferenciam quanto ao traço de sonoridade (/p/ e /b/, /t/ e /d/, /f/ e /v/ etc.), não erros de grafia.

Esses três (pontuação, flexão verbal e “erros” de escrita) elementos presentes na escrita do afásico trazem uma forte relação com a oralidade e se configuram como pistas prosódicas caracterizadas como marcas de oralidade na escrita, semelhante as que foram encontradas no trabalho de Marinho (2008). Daí a necessidade de oferecer ao afásico a condição para trabalhar conjuntamente fala e escrita para organização da linguagem. Mesmo não se tratando do processo de aquisição, através dos achados, é possível inferir que dados da oralidade estão participando na construção da escrita, por isso, não é adequado que o afásico, ao tentar interagir, somente fale ou somente escreva, sem fazer uso dos processos multimodais entre fala, escrita, expressões corporais, faciais, gestos etc. Esta característica da escrita do sujeito propõe a reflexão para que familiares e terapeutas considerem o contínuo entre fala e escrita ao interagir com o afásico.

No texto escrito, é comum a escritores fazer correções/reformulação que não permitem que o leitor final visualize nenhuma hesitação no texto escrito (BIBER, 1988). Há uma baixa incidência de hesitações nos textos do sujeito deste estudo (nas figuras 01 e 04), a qual se deve à velocidade de escrita mais lenta e permitir correções sem que estas se configurem como hesitações, mas como erros de grafia percebidos no momento da releitura, identificados e corrigidos pelo próprio sujeito. Logo, é certo afirmar que o sujeito afásico identifica seus erros, embora em alguns

momentos não saiba ao certo como organizar sua escrita, tem consciência de que alguma coisa está fora do lugar e que, hesitações na escrita são visualizadas no processo de organização de linguagem.

Todas as marcas prosódicas vistas na escrita do sujeito estão relacionadas às estratégias entoacionais da oralidade. Não diferente, diante do elemento paralinguístico, no texto escrito caracterizado pela imagem/figura, o afásico omitiu a palavra referente, pois o sentido estava explícito mesmo na ausência no nome representado e marcado pela figura, portanto, o afásico com dificuldades expressivas se apóia no componente prosódico e paralinguístico para organizar sua produção oral e também sua produção escrita, fato que conduz à por vias desse estudo alcançar algumas conclusões.

CONCLUSÃO

Os estudos relacionados à afasia têm sido cada dia mais recorrentes, trazendo avanços significativos para o campo de trabalhos voltados para estudo da linguagem. Particularmente, ciências como a Fonoaudiologia e a Linguística têm dedicado atenção a estudos nesse campo.

A proposta discutida ao longo desta pesquisa é inovadora, uma vez que se dedica à investigação de recursos prosódicos na linguagem oral e escrita de sujeitos afásicos através do uso de diferentes gêneros textuais, elencados ao longo deste estudo de caso, relacionados à prática diária do sujeito.

Dez gêneros textuais com características predominantes da modalidade oral e dez gêneros com características predominantes da modalidade escrita da língua, classificados mediante orientação do saber social, por serem fenômenos sociointerativos, foram selecionados para a elaboração de atividades orais e escritas do afásico. A proposta com gêneros textuais viabilizou nortear o assunto tratado, pois, por se embasar em um tema delimitado pelo gênero, foi mais fácil para o terapeuta interpretar partes do discurso, assim como para o afásico se fazer compreendido e dar prosseguimento ao discurso. Assim, o trabalho com gêneros textuais cooperou com a atividade interativa no contexto comunicativo.

O impacto da afasia na vida do indivíduo o faz estabelecer novas relações com a linguagem. Essa nova postura frente à linguagem leva o afásico a se considerar ora como aquele que “não sabe” ler, “não consegue” falar o que pretende, ora como aquele que tem a capacidade de falar e escrever, havendo apenas a necessidade de organização de sua linguagem.

Ao se analisar o discurso, seja de sujeito afásico ou não, observa-se não somente o dito ou escrito, mas todo o contexto. O uso de recursos, como expressões faciais, corporais, gestos, na oralidade, e imagens e desenhos, na escrita, serviram como facilitadores do contexto comunicativo. Estes recursos usados na oralidade ou na escrita, considerados elementos paralinguísticos, servem para auxiliar aquele que fala ou escreve, neste caso o afásico, fornecendo elementos para a construção de sentido do discurso.

Na investigação de oralidade do afásico, percebe-se que os gestos ocuparam o lugar da palavra que deveria ser usada na ocasião. Por exemplo, ao falar “ele parece que não tem isso aqui”, o termo “aqui” associado ao gesto de apontar para o

braço, permitiu à pesquisadora, com base no contexto, preencher o lugar de “aqui” com a expressão “movimento do braço”.

Marcuschi (2005) afirma que, no texto escrito, também existem elementos que equivalem aos elementos paralinguísticos da oralidade. Na escrita, a associação de imagens ao texto tem a finalidade de chamar a atenção do leitor para a mensagem. As figuras e imagens associadas ao texto escrito produzido pelo afásico, assim como na fala, ocuparam o lugar da palavra que deveria ser escrita. Logo é adequado afirmar que o recurso paralinguístico, tanto na escrita quanto na oralidade, foi uma das estratégias adotadas pelo afásico para auxiliar na organização do seu discurso, a qual gerou efeito de sentido, viabilizando ao interlocutor dar determinada interpretação ao discurso.

Considerando os objetivos propostos e a abordagem metodológica utilizada neste estudo, foi possível identificar algumas pistas entoacionais na linguagem do sujeito afásico e de seus interlocutores, empregadas como facilitadores do processo de (re)organização da linguagem. O padrão entoacional na fala foi caracterizado por proeminências em sílabas pré-tônicas, variação no emprego dos tons e alternância entre momentos de domínio ou não do enunciado. Na escrita a prosódia esteve marcada por pontuações e expressões do texto.

A proeminência, que, segundo Olson (1997), é indício da intenção do emissor e, para Brazil (1985), sinaliza o sentido do enunciado do falante, verificada na fala da terapeuta do sujeito afásico, serviu para destacar a palavra falada, conduzindo o afásico na apreensão do significado pretendido. A proeminência também foi bem empregada pelo sujeito afásico. Na maioria dos casos, a proeminência dada pelo sujeito a uma determinada sílaba foi coincidente com a sílaba tônica, mas, em alguns casos, principalmente diante da dificuldade de nomeação, a sílaba proeminente pré-tônica na palavra conduzia o ouvinte a buscar o significado por trás da palavra falada. Se este recurso for bem empregado, pode auxiliar na terapêutica do afásico, uma vez que desempenha um papel muito importante na construção de sentido na interação e facilita a compreensão do enunciado.

O uso dos diferentes tons, oscilando entre ter a dominância ou não do discurso, também contribuiu para a apropriação de sentido do enunciado por parte dos interlocutores, sobretudo, para o sujeito. Conquanto possam existir sentidos diversos para um único termo numa determinada língua, o participante da pesquisa

se apropriou do sentido alvo, o que também favoreceu o contexto comunicativo e, por conseguinte, a organização da linguagem.

A ênfase dada à sílaba pós-tônica em apenas uma ocasião pela pesquisadora, não se configura como uma idiossincrasia, pois, embora incomum, Brazil (1985) faz menção e aponta esta escolha como carregada de intencionalidade.

Na oralidade, os resultados revelam que o sujeito utilizou os tons ascendentes, apropriadamente, em contextos indagativos, tons descendentes quando almejou proclamar informações novas, em contexto narrativo, e tons neutros para a organização sintática. Embora, sob a interferência do discurso institucional que dita quem “é eloquente” e quem “não é eloquente” no falar, o sujeito empregou tons indicativos da posse do domínio do enunciado, indicando que, nesse momento, se assume como sujeito capaz de usar a linguagem e se comunicar efetivamente. Assim, diante dos achados de fala é possível afirmar que houve favorecimento à oralidade do afásico, graças à participação ativa do sujeito no contexto comunicativo.

No texto escrito, além da apropriação dos recursos paralinguísticos, o afásico marcou sua produção com pontuações e pistas inerentes ao conteúdo escrito que apontam para estratégias de organização entoacional do discurso. Essas pistas, na superfície do texto escrito do afásico, configuram-se como marcas de sua intenção, caracterizada pela pretensão de aproximação do interlocutor, as quais podem beneficiar a assimilação do sentido pelo leitor.

As marcas no texto permitem inferir que diferentes tons também foram empregados como estratégias para organização entoacional da escrita. Hesitações compatíveis com as realizadas na oralidade se apresentaram no texto escrito. Essas hesitações apontam o uso do tom neutro que se refere à organização sintática, fato que pode ser visualizado na escrita do sujeito, mesmo porque a permanência da escrita viabiliza, dentre outras coisas, a consulta do texto (BIBER, 1988).

Em alguns textos escritos, o afásico também usou pontuações que fazem alusão aos tons descendentes e ascendentes manifestos na oralidade, que se relacionam a contextos narrativos e contextos indagativos, respectivamente. Assim, é correto afirmar que a presença de marcas no texto, características de estratégias de organização entoacional do sujeito, servem para nortear o interlocutor a alcançar o sentido do texto.

Quanto aos efeitos subjetivos da escrita, o sujeito reconhece a necessidade de usá-la no dia-a-dia, mas, apesar disso, não tem a mesma relação que antes da afasia com esta modalidade de uso da língua. Assim, os achados permitem afirmar que o sujeito reconhece o valor social da escrita com produção de sentido, razão que permite inferir que a não aceitação em produzir a carta pessoal esteja atrelada ao contexto de vida do sujeito que é caracterizado por poucas, senão mínimas, relações sociais atualmente estabelecidas. Logo, o gênero tratado não se insere em suas práticas discursivas.

Assim, sugere-se que a prosódia, em aspecto pragmático, seja investigada em maior profundidade por fonoaudiólogos e terapeutas da linguagem para que a terapêutica do afásico privilegie sua inserção social e proporcione melhor qualidade de vida. Temas voltados para estudos da prosódia em conversações entre afásicos e familiares são indicação para futuros trabalhos. Logo, as considerações aqui apontadas, como resíduo de uma vasta gama de conhecimentos que estudos mais profundos poderão trazer, não consideram encerrada a temática.

As conclusões alcançadas com esta pesquisa não podem ser tomadas como generalizações, pelo fato de se tratar de um estudo de caso. Os achados apontam para a construção de novas abordagens terapêuticas voltadas para o sujeito afásico e para a necessidade de maiores aprofundamentos no campo científico de estudos da linguagem envolvendo a Teoria Interacional da Entoação de Brazil, que aprecia o contexto discursivo-interativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, M. D. O fenômeno da afasia segundo etnomodelos da antropologia da saúde. *In*: ACIOLI, M. D.; MELO, M. F. V.; COSTA, M. L. G. (Orgs.). **A linguagem e suas interfaces**. Recife: Ed. dos Organizadores, 2006. p 43-81.

BAKHTIN, M. [VOLOCHÍNOV, V. N.]. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 6ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge University Press, 1988.

BRAZIL, D. **The communicative value of intonation in English**. Birmingham: English Language Research (Discourse Monographs Series, 8), 1985.

BRAZIL, D. **Discussing discourse**. Birmingham: English Language Research, 1987.

BRITO, C. M. P. *et al.* Entoação: conceitos, modelos e perspectivas múltiplas. *In*: AGUIAR, M. A. M.; MADEIRO, F. (Orgs.). **Em-tom-ação: a prosódia em perspectiva**. Recife: Ed. Universitária, 2007. p. 17 – 50.

CAMBIER, J.; MASSON, M.; DEHEN, H. **Manual de neurologia**. 9º ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1999.

CASTILHO, A.T. Apresentação. *In*: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 7-25.

CHACON, L. **Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COSTA, M. L. G.; SILVEIRA, M. C. C. Inquietações: diálogos entre fonoaudiologia, silêncio e lingüística. In: ACIOLI, M. D.; MELO, M. F. V.; COSTA, M. L. G. (Orgs.). **A linguagem e suas interfaces**. Recife: Ed. Dos Organizadores, 2006. p 83-107.

COUDRY, M. I. **Diário de Narciso** – Discurso e Afasia. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FONSECA, S. C.; VIEIRA, C. H. A afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas. **Distúrbios da comunicação**, São Paulo, 16(1): 101-106, abril, 2004.

FONSECA, S. C. O estatuto da entrevista no processo diagnóstico da afasia. In: LIER – DE VITTO, M.F.; ARANTES, L. (Orgs). **Aquisição, patologias e clínica da linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006.

FONSECA, J. M. A.; CAMPOS, A. L. M.; ARRAS LOPEZ, J. R. R. Síndrome de Asperger e TOC: comorbidade ou unidade?. **J. bras. psiquiatr.** [online]. 2007, vol.56, n.4, p. 287-289. ISSN 0047-2085.

GALLI, J. F. M.; OLIVEIRA, J. P.; DELIBERATO, D. Introdução da comunicação suplementar e alternativa na terapia com afásicos. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.**, São Paulo 2009, vol.14, n.3, p.402-410. ISSN 1516-8034

GONÇALVES, P. M. **Produção escrita e oralidade**: favorecendo a interação lingüística do afásico. 2008. 41 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

JAKUBOVICZ, Regina; CUPELLO, Regina. **Introdução à afasia**: diagnóstico e terapia. 7. ed. Rio de Janeiro: REVINTER, 2005.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003a.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2003b.

KOCH, I. G. V. Especificidade do texto falado. *In*: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 39-46.

LEAL, G.; MARTINS, I. P. Avaliação da afasia pelo médico da família. **Rev. Port. Clín. Geral**, [online]. v. 21, p. 359-364, 2005.

LUCIANO, D. T. **Prosódia e envolvimento na compreensão do telejornal**. 2000. 277 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MAC-KAY, A. P. M. G.; ASSENCIO-FERREIRA, V. J.; FERRI-FERREIRA, T. M. S. **Afásias e demências: avaliação e tratamento fonoaudiológico**. São Paulo: Santos liv., 2003.

MADEIRO, F.; LOPES, W. T. A.; ALENCAR, M. S. A linguagem e a comunicação entre pessoas e computadores. *In*: ACIOLI, M. D.; MELO, M. F. V.; COSTA, M. L. G. (Org.). **A linguagem e suas interfaces**. Recife: Ed. Dos Organizadores, 2006. p 167-201.

MARCULINO, J.; CATRINI, M. O jogo entre falar/escrever/ler na clínica da linguagem com afásicos. **Revista distúrbios da comunicação**, São Paulo, v. 18, nº 1, p. 102–109, abr. 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Marcas da interatividade no processo de textualização na escrita**, 2002 (mimeo).

MARCUSCHI, L. A. A oralidade no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a fala. *In*: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p 57-84.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. Princípios gerais para o tratamento das relações entre fala e escrita. *In*: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p 13-30.

MARCUSCHI, L. A.; HOFFNAGEL, J. A escrita no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a escrita. *In*: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p 85-104.

MARCUSCHI, L. A. Fenômenos intrínsecos da oralidade: hesitação. *In*: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 47-70.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

MARINHO, J. S. **Marcas de oralidade na escrita de um afásico com dificuldades expressivas**. 2008. 82 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008.

MASSINI-CAGLIARI, G. O conceito de *pé* como unidade rítmica: trajetória. *In*: SCARPA, Ester M. (Org.). **Estudos de prosódia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

MEDVED, D. M. S. **Parâmetro prosódico e construção de sentido no discurso do parkinsoniano**. 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

MORATO, E. M. Rotinas significativas e práticas discursivas: relato de experiência de um Centro de Convivência de Afásicos. **Distúrbios da comunicação**, São Paulo: PUC-SP, 1999.

MORATO, E. M. Neurolinguística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2, p. 143-170.

MORATO, E. M. **Sobre as afasias e os afásicos**: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (Universidade Estadual de Campinas) – Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

MORATO, E.M. Introdução *In*: MORATO, E.M. (ORG.). **A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas**. São Paulo: Cortez, 2010a. p. 9-21.

MORATO, E.M. As quarelas da semiologia das afasias. *In*: MORATO, E.M. (ORG.). **A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas**. São Paulo: Cortez, 2010b. p. 23-47.

MOURA, C. S. C. Características de organização lingüístico-discursiva do sujeito afásico: marcadores de interatividade e estratégias para superação de dificuldades comunicativas. *In*: (Org.) Universidade Católica de Pernambuco. Jornada de Iniciação Científica, 11., 2009, Recife, **Anais eletrônicos...** Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2009. p.39 CD-ROM.

MOURA, C. S. C. Gêneros textuais no *continuum* fala e escrita como recurso terapêutico no tratamento do sujeito afásico na clínica fonoaudiológica. *In*: Simpósio internacional do núcleo interdisciplinar de estudos da linguagem, 1. 2010, Recife, **Anais eletrônicos...** Recife: UFRPE, 2010. p. 140-153. Disponível em: <<http://www.niel-ufrpe.com.br/siniel-anais-eletronicos.html>>. Acesso em: 27 nov. 2011.

MURDOCH, B. E. **Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem**: uma abordagem neuroanatômica e neurofisiológica. Rio de Janeiro: editora revinter, 1997.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. Semiologia das Afasias: Uma Discussão Crítica. **Revista Psicologia: reflexão e crítica**, [online]. vol.22, n.3, p. 413-421, 2009. ISSN 0102-7972.

OLIVEIRA, A. A. **A Produção de gênero textual de afásicos**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

OLSON, David R. **O mundo no papel**: as implicações conceituais da leitura e escrita. São Paulo, SP: Editora Ática, 1997.

RIBEIRO, A. F.; ORTIZ, K. Z. Perfil populacional de pacientes com disartria atendidos em hospital terciário. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.**, 2009, vol.14, n.4, p.446-453. ISSN 1516-8034

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. *In*: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 406-425.

SACCONI, L. A. **Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa**. 11. Ed. São Paulo: Nova geração, 2009.

SANTANA, A. P. **Escrita e afasia**: o lugar da linguagem escrita na afasiologia. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. France: Normandie Roto Impression s.a., 1997.

SCARPA, E. M. Sobre a aquisição da prosódia. *In*: II Encontro nacional sobre a aquisição de linguagem. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUC/ RS, 1991.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. *In*: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 497-527.

VIEIRA, C.H. Sobre as afasias: o doente e a doença. *In*: LIER – DE VITTO, M.F.; ARANTES, L. (Orgs). **Aquisição, patologias e clínica da linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006.

ANEXO A1

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDO CLÍNICO OBSERVANDO A RESOLUÇÃO 196/96

TÍTULO: O PAPEL DA INTENCIONALIDADE NA ESCOLHA TONAL

Orientador: Prof. Dr. Francisco Madeiro Bernardino Junior. Contato: Universidade Católica de Pernambuco. Rua do Príncipe, 526. Boa Vista. Recife – PE 50.050-900. E-mail: madeiro@dei.unicap.br

Investigadora: Chirlene Santos da Cunha Moura.

E-mail: chirlenecunha@hotmail.com

Local de estudo: o estudo será realizado na UNICAP, no grupo de convivência de afásicos da e/ou na Clínica de Fonoaudiologia.

Assinando este termo de consentimento estou ciente de que:

1. O objetivo deste trabalho é identificar recursos prosódicos no processo reorganização da linguagem do sujeito afásico.
2. Os dados serão coletados nas atividades individuais ou em grupo através de áudio-gravação, podendo em alguns momentos haver vídeo-gravação. Posteriormente, esses dados serão transcritos e analisados.
3. O único risco que este trabalho pode apresentar é o de trazer desconforto para o participante, uma vez que pode ocorrer constrangimento durante as atividades realizadas em grupo e/ou individual.
4. O participante fica livre para interromper a qualquer momento a participação na pesquisa.
5. Quanto aos benefícios, ao término do trabalho, serão dadas informações dos resultados encontrados.
6. Esta pesquisa não irá acarretar ônus para o participante.
7. Os dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho. Os dados obtidos com a pesquisa serão divulgados apenas com caráter científico e sempre omitindo a identidade do participante.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro, também, que a proposta da pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas, para que participe como voluntário deste estudo.

Nome do voluntário

Assinatura do voluntário

/ /

Data

Nome da investigadora

Assinatura da investigadora

/ /

Data

Nome da testemunha

Assinatura da testemunha

/ /

Data

Nome da testemunha

Assinatura da testemunha

/ /

Data

ANEXO A2

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDO CLÍNICO OBSERVANDO A RESOLUÇÃO 196/96

TÍTULO: O PAPEL DA INTENCIONALIDADE NA ESCOLHA TONAL

Orientador: Prof. Dr. Francisco Madeiro Bernardino Junior. Contato: Universidade Católica de Pernambuco. Rua do Príncipe, 526. Boa Vista. Recife – PE 50.050-900. E-mail: madeiro@dei.unicap.br

Investigadora: Chirlene Santos da Cunha Moura. E-mail: chirlenecunha@hotmail.com

Local de estudo: o estudo será realizado na UNICAP, no grupo de convivência de afásicos da e/ou na Clínica de Fonoaudiologia.

Assinando este termo de consentimento estou ciente de que:

1. O objetivo deste trabalho é identificar recursos prosódicos no processo reorganização da linguagem do sujeito afásico.
2. Os dados serão coletados nas atividades individuais ou em grupo através de áudio-gravação, podendo em alguns momentos haver vídeo-gravação. Posteriormente, esses dados serão transcritos e analisados.
3. O único risco que este trabalho pode apresentar é o de trazer desconforto para o participante, uma vez que pode ocorrer constrangimento durante as atividades realizadas em grupo e/ou individual.
4. O participante fica livre para interromper a qualquer momento a participação na pesquisa.
5. Quanto aos benefícios, ao término do trabalho, serão dadas informações dos resultados encontrados.
6. Esta pesquisa não irá acarretar ônus para o participante.
7. Os dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho. Os dados obtidos com a pesquisa serão divulgados apenas com caráter científico e sempre omitindo a identidade do participante.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro, também, que a proposta da pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas, para que aquele que está sob minha responsabilidade participe como voluntário, deste estudo.

Nome do responsável

Assinatura do responsável

____/____/____
Data

Nome da investigadora

Assinatura da investigadora

____/____/____
Data

Nome da testemunha

Assinatura da testemunha

____/____/____
Data

Nome da testemunha

Assinatura da testemunha

____/____/____
Data